

As rapineiras neotropicais na Europa dos séculos XVI e XVII (Aves, Falconidae, Accipitridae)

Dante Martins Teixeira¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Museu Nacional (MN). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1768-3376>. E-mail: dmteixeira@mn.ufrj.br

Resumo. O intenso fluxo de animais do Neotrópico observado na Europa durante o início da Idade Moderna incluiria demandas muito singulares vindas de determinados atores sociais. Este parece ser exatamente o caso das aves de rapina, em geral destinadas a uma nobreza entusiasta da falcoaria que concentrava desmedido poder e se mostrava disposta a oferecer atrativas recompensas por exemplares trazidos do além-mar. Vigente ao menos desde 1509, esse tráfico abarcava tanto representantes dos Accipitridae quanto dos Falconidae, havendo registros documentais ou iconográficos para o japacanim (*Spizaetus ornatus*), o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) e o falcão-de-coleira (*Falco femoralis*) – provavelmente o misterioso "aleto" pelo qual se pagavam quantias exorbitantes. A documentação disponível também menciona a surpreendente captura de um gerifalte (*Falco rusticolus*) ao largo da costa do Brasil – a primeira referência conhecida dessa espécie para o hemisfério sul. Tal como foi comprovado para vários outros grupos zoológicos no continente americano, os dados existentes sugerem a forte possibilidade de algumas rapineiras neotropicais terem sido bem mais numerosas no período colonial.

Palavras-chave. *Falco peregrinus*; *Falco femoralis*; *Falco rusticolus*; *Spizaetus ornatus*; Aleto; Falconidae; Accipitridae; Neotrópico; Século XVI; Século XVII; Falcoaria; Comércio de Animais; História da Zoologia; Animais nas Artes.

Abstract. Neotropical birds of prey in 16th and 17th century Europe (Aves, Falconidae, Accipitridae). The intense flow of Neotropic animals observed in Europe during the early Modern Age would include very particular demands of certain social actors. This seems to be exactly the case with birds of prey, almost always destined for a very powerful nobility enthusiastic about falconry and able to offer attractive rewards for the specimens from overseas. Active at least since 1509, this trade encompassed both representatives of the Accipitridae and Falconidae, with documentary or iconographic records for the Ornate Hawk-eagle (*Spizaetus ornatus*), the Peregrine Falcon (*Falco peregrinus*) and the Aplomado Falcon (*Falco femoralis*) – probably the mysterious and highly valued "alethe". The available documentation also mentions the surprising capture of a Gyrfalcon (*Falco rusticolus*) off the Brazilian coast, the first reference known of the species for the southern hemisphere. As has been verified for several other zoological groups on the Americas, the existing data suggest the strong possibility that some raptors were far more numerous in colonial times.

Keywords. *Falco peregrinus*; *Falco femoralis*; *Falco rusticolus*; *Spizaetus ornatus*; Alethe; Falconidae; Accipitridae; Neotropics; 16th century; 17th century; Falconry; Animal trade; History of Zoology; Animals in Art.

INTRODUÇÃO

Constituindo uma atividade econômica tão organizada e sistemática quanto qualquer outra, o intenso comércio de animais exóticos observado na Europa no início da Idade Moderna viria incorporar a fauna do Novo Mundo desde os primórdios do descobrimento. Na ausência de elefantes, rinocerontes, girafas e demais quadrúpedes de grande porte da Ásia e África, o Neotrópico participaria desse tráfico sobretudo com os psitá-

cidas de plumagem colorida, primatas e felinos, talvez os elementos mais vistosos de sua biota. Semelhante tendência, entretanto, não impediria a materialização de demandas muito singulares oriundas de determinados atores sociais.

Este parece ser exatamente o caso das aves de rapina, em geral destinadas à uma nobreza entusiasta da falcoaria que concentrava desmedido poder e se mostrava disposta a oferecer atrativas recompensas pelos espécimens trazidos das "Índias" – motivos suficientes para justificar a bus-

ca por predadores de difícil manejo em circunstâncias precárias. Não obstante, a venda de rapaces oriundas de locais distantes era um negócio corriqueiro no século XVI, conforme demonstra o exemplo dos gerifaltes boreais, *Falco rusticolus* Linnaeus, 1758, presentes no Império Otomano¹.

Segundo consta, a falcoaria – também denominada cetraria, altanaria, altaneria ou volataria – teria sido introduzida na Península Ibérica com os visigodos durante a Alta Idade Média, desenvolvendo-se de forma considerável durante o extenso domínio muçulmano. Herdeira das sofisticadas tradições islâmicas, essa modalidade de caça assumiria contornos bastante complexos nos reinos cristãos estabelecidos pela chamada “Reconquista”, envolvendo múltiplas normas, marcadas hierarquias e até uma legislação própria capaz de penalizar com severidade os roubos e danos às aves de presa². Algumas punições iam bem além de pesadas multas, pois em Castela chegou-se ao extremo de condenar um homem à pena capital por abater um açor, *Accipiter gentilis* (Linnaeus, 1758), que lhe arrebatara uma galinha³.

Embora decaísse na segunda metade do século XVII, a altanaria espanhola ainda mantinha inegável esplendor nos tempos da descoberta da América, reunindo adeptos extremados como o rei Fernando de Aragão, alcunhado de “o Católico”⁴. Seduzida pela exuberante avifauna encontrada no outro lado do oceano, a coroa logo promoveria a indicação de um cetreiro profissional – certo Pedro Dársena – para participar da segunda viagem de Cristóvão Colombo (1493-1496). Contudo, esse misterioso personagem quicá não tenha sequer embarcado, porquanto o Almirante informaria aos Reis Católicos – em carta de 20 de janeiro de 1494 – haver nas

ilhas do Caribe “muitos falcões nebris e de outros tipos” disponíveis, faltando apenas uma pessoa treinada em agarrá-los⁵. Na resposta datada de 16 de agosto de 1494, os destinatários confirmariam seu profundo interesse no tema ao explicitar o desejo de receber “todos os falcões que se possam enviar e todas as aves que existam e que se possam apresar, porque queríamos ver todas”⁶. Nesse mesmo dia seria emitida uma Real Cédula atribuindo ao responsável pelos assuntos do Novo Mundo – o bispo Juan Rodríguez de Fonseca – a tarefa de conseguir um “redeiro que fosse às Índias pegar falcões”⁷. As consequências dessa iniciativa permanecem desconhecidas até o momento, mas o governador Diego Colombo lograria despachar vários falcões para Fernando de Aragão entre 1509 e 1512 – onze só em 1510⁸.

A captura, manutenção e adestramento das aves de rapina exigia uma estrutura adequada e diversos serviços habilitados, tornando-se assaz dispendiosa no caso de plantéis significativos⁹ (Fig. 1). Os custos, entretanto, não impediriam Fernando de Aragão de empregar 120 falcões em um único dia de caçada, ou Felipe II de comprar 41 falcões em janeiro de 1568¹⁰. Os exemplares podiam alcançar somas proibitivas, havendo notícia de o príncipe Dom João, filho de Fernando de Aragão, ter

1 Vide Buquet (2021) e Mehler *et al.* (2018). Talvez o exemplo mais famoso de quanto esses falcões eram cobiçados venha do episódio envolvendo o filho de Philippe II, Duque de Borgonha, que seria capturado pelos turcos na batalha de Nicópolis (1396). O sultão otomano Bayezid I recusaria a impressionante quantia de 200.000 ducados de ouro oferecida como resgate, exigindo doze gerifaltes em troca da liberdade do seu prisioneiro (Hammer, 2020; Macdonald, 2006).

2 Sobre a história da falcoaria na Península Ibérica, vide Baêna & Bravo (1998), Barrio (2018), J.M. Correia (1964), J.M. Correia & N.B. Guedes (2018), Crespo (1999), Cubillo (1986), Enamorado (2011), Leite (1967), Neves (1983), Rueda (2018a) e Salinas de Alonso (2011, 2013). Grande parte das publicações anteriores ao século XIX relativas a esse tema em Portugal e Espanha encontra-se relacionada nas bibliografias organizadas por Harting (1891), Martínez (1995), Olendorff & Olendorff (1968-1970), Rueda (1985, 1988, 1990, 2003, 2007) e Souhart (1886). Embora a quantidade de trabalhos abrangentes a respeito do assunto seja digna de nota, mencioná-los Allsen (2006), d'Aubusson (1879), Freeman & Salvin (1859), García & Hartman (2007), Niesters (1999), Oswald (1982) e Walker (2000).

3 A sentença seria proferida por Dom Diego López de Haro, que era conhecido por sua brutalidade. Vide Borge (2008), Cubillo (1986), Delgado (2014), Floranes y Robles (1890) e Sanchez (1924).

4 Finalizado por volta de 1325 pelo príncipe Juan Manuel, sobrinho do rei Alfonso X de Castela, o “Libro de la Caza” assevera que um “grande senhor” necessitaria de ao menos 18 rapineiras para caçar: dois gerifaltes, *Falco rusticolus*, um “borni”, *Falco biarmicus* Temminck, 1825, três açores, *Accipiter gentilis*, um gavião, *Accipiter nisus* (Linnaeus, 1758), um esmerilhão, *Falco aesalon* (Tunstall, 1771) e dez *Falco peregrinus* Tunstall, 1771. Um dos gerifaltes poderia dar lugar a um sacre, *Falco cherrug* Gray, 1834, enquanto os dez *Falco peregrinus* deveriam incluir quatro “nebris” do norte da Europa (vide notas 26 e 27) e seis “bafaris” mediterrâneos, *Falco peregrinus brookei* Sharpe, 1873 (“Et dice Don Johan que las menos aves que el grant Sennor debe traer para fazer caza complida, deben ser diez ocho en esta manera: dos girifaltes ó un girifalte et un sacre que sean muy buenos garceros, et quatro neblis abaneros, et aunque todos ó dellos maten garza. Et seis baharis grueros, que son dos lances, et un azor garcero que tome mientes e los otros raleas. Et otro azor anadero, et un azor torzeluo perdiguero, de que se hombre non duela mucho. Et un borni para matar liebres. Et un gavián cercetero. Et que tome las otras prisiones de gavián et un esmerejón que mate bien copoda”). Compare Baist (1880) versus Gutierrez de la Vega (1879).

5 “[...] Y en ésta y en todas las otras ysias, y en espeçial aquí en La Ysavela, e visto mui muchos falcones neblis y de toda suerte, mas los de Guadalupe fueron tenidos por los mejores, porque en aquélla no ay lugar de adonde se crien, no por defecto de aves de toda manera, de que ay gran cantidad, salvo porque es espesísima de árboles; y losalcones cada mañana los beyamos yr a otra ysia, y después bolver en la tarde. Aquí en La Ysavela se halló algunos çevándose en palomas torcaças y en garças y en otras aves, de las cuales y de todas maneras ay grandísima cantidad; y en señal dellas se amuestra que son mui boladas porque huien mucho de las personas. Procuraré, tanto que yo tenga en buen subçeso y término estos otros negocios de Vuestras Altezas que más relieban a su serviçio, de aver destos falcones para le enbiar, y creo que, aviendo persona que sea maestro de prenderlos, los que pudiere aber quantos oviere menester para su serviçio, y podrá enbiar a otros príncipes” [La Isabela, 20 de enero de 1494] (in Pérez de Tudela *et al.*, 1994). Conforme destaca Salinas de Alonso (2011, 2013), essa carta de Colombo evidencia a ausência de um perito na captura de falcões, o comitente sem sentido caso Pedro Dársena tivesse chegado ao Novo Mundo e exercido o ofício para o qual fora designado. Dársena aparece como o único cetreiro na relação de pessoal a ser embarcado em 1493, cabendo-lhe o soldo de 620 maravedis. Não se conhece, porém, qualquer outra referência a seu respeito. Consulte-se também Guerrero (2007, 2020), bem como as notas 26 e 27 sobre os “falcones neblis”.

6 “[...] y enbiados todos los mas halcones que de alla se pudieren enbiar y de todas las aves que alla hay y se pudieren aver, porque querriamos verlas todas [...] De segovia XVI de agosto de XCIII” (in Pérez de Tudela *et al.*, 1994). Vide também Gerbi (1975), Salinas de Alonso (2013) e Varela (1982).

7 “Don joan de fonseca etcetera. Por serviçio mio que hagays buscar ende un redero para que vaya a las Indias para tomar halcones y que pase con antonio de torres, en lo qual plaser y serviçio me hares. De segovia a XVI dias de agosto de XCIII años” (in Pérez de Tudela *et al.*, 1994). “Redero” era o nome espanhol conferido aos caçadores que aprisionavam vivas as aves de rapina. Vide também Salinas de Alonso (2011, 2013).

8 Como parecia fácil capturar essas aves, tais partidas acabariam tornando-se obrigatórias. De fato, em uma Real Cédula datada de 2 de julho de 1512, Fernando de Aragão não só agradecia a chegada de seis “nebris” de Santo Domingo (vide notas 26 e 27), como ordenava que o governador Diego Colombo enviasse idênticas remessas todos os anos. Nessa mesma data, um segundo documento dirigido a Miguel de Pasamonte, Tesoureiro Geral das Índias, determinava o provimento dos fundos necessários para cobrir as despesas envolvidas (vide Salinas de Alonso, 2011, 2013). Os textos integrais estão disponíveis em <http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo/description/246336> e <http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo/description/246338>.

9 A flagrante discrepância entre os cuidados dispensados às rapineiras cativas e o duro quotidiano da imensa maioria dos espanhóis levaria o frei agostiniano Alonso de Orozco ao comentário indignado de ter “el açor sobradas las aves: y el pobre enfermo no alcanza que llegar a su boca” (Alonso de Orozco, 1544).

10 Os 41 falcões destinados a Felipe II estão citados na carta que Gómez Suárez de Figueroa, embaixador da Espanha em Gênova, dirigiu ao monarca em 24 de janeiro de 1568. O texto integral encontra-se disponível em: <http://pares.mcu.es/ParesBusquedas20/catalogo/description/3579687>.



Figura 1. A "Alegre Comitiva de Caça" de autor desconhecido. Escola holandesa, ca. 1530-1540. Oferecido em leilão pela Christie's, Londres, a 30 de julho de 2020.
Figure 1. "A Merry Company out Hunting", Netherlandish School, ca. 1530-1540. Offered at public auction by Christie's, London, on June 30, 2020.

pago cerca de 21.000 maravedis por três falcões-sacres, *Falco cherrug*, nos idos de 1495. Nessa altura, a diária de um mestre de construção ou encanador oscilava em torno de 60 maravedis e o salário anual de uma servente girava ao redor de 500 maravedis. Perpetuando a regra, Felipe IV iria adquirir 73 falcões em 1639, entre os quais 48 sacres vindos da Grécia ao preço de 25.647 reais (*i.e.* 871.998 maravedis)¹¹ – em comparação, uma criada ganhava 192 reais (*i.e.* 6.528 maravedis) ao ano¹². Apesar de as rapaces locais valerem bem menos – geralmente nada além de 1.500 maravedis no intervalo de 1503 a 1521 – essa importância tampouco deve ser subestimada, pois um carpinteiro castelhano recebia 35 maravedis por dia em 1515 e um trabalhador dos campos andaluzes 18 maravedis¹³.

A nobreza lusitana também era fascinada pela volataria, não faltando grandes apreciadores na realeza. Em 13 de junho de 1520, o próprio Dom Manuel, “o Venturoso”, escreveria ao administrador da feitoria em Antuérpia ordenando a aquisição de dois açores e vinte dos “melhores e mais formosos” falcões¹⁴, um interesse compartilhado pelos príncipes Dom Duarte e Dom João – futuro Dom João III (Fig. 2). Os maiores aficionados, porém, seriam o infante Dom Luís e seu filho Dom Antônio, Prior do Crato, pois o primeiro chegou a empregar oitenta falcoeiros, cada qual incumbido de duas ou três aves. Contudo, as alusões sobre as rapineiras neotropicais em fontes portuguesas são muito escassas, a despeito de existir uma referência a “açores do Brasil” e comentários sobre os “falcões das Índias matadores de perdizes” (vide adiante)¹⁵. Dom Antônio possuía dois deles em 1579, mas não se pode descartar a possibilidade de ambos terem vindo da Espanha, pois há o precedente de Dom Sebastião haver mandado Duarte de Sampaio, seu ceteiro, adquirir falcões em Castela no começo de 1568¹⁶.

A 12 de maio de 1568, pouco tempo depois de ascender ao trono, Dom Sebastião regulamentaria o cargo de falcoeiro-mór responsável por todas as atividades da falcoaria régia. Contudo, a crise do comércio do além-mar e a inexorável decadência da nação – em curso desde o final do reinado de Dom Manuel – desaguiariam em um temporâneo ciclo de militarismo feudal que levaria ao fim da dinastia de Avis no desastre de Alcácer-Quibir (1578) e à conseqüente União Ibérica (1580-1640), ocasionando o colapso da volataria lusitana. Publicada em 1616, a célebre “Arte da Caça da Altanería” de Diogo Fernandes Ferreira ressalta ter durado “este passatempo tão justo até o tempo do rei Dom Sebastião, no qual acabaram todos os senhores a esta caça afeiçoados, os homens práticos nela e a altanería juntamente com eles”¹⁷. No século XVII, em plena Guerra de Restauração (1640-1668), Dom João IV reafirmaria a irrelevância da cetraria ao extinguir o posto de falcoeiro-mór devido à escassez de recursos¹⁸.

Nas palavras de Diogo Fernandes Ferreira, antes do domínio espanhol mesmo “religiosos e cônegos tinham açores”, cabendo à “gente vulgar os gaviões” – *Accipiter nisus* – “dos quais entravam cada ano neste reino mais de trezentos e não faltava a quem os vendia compradores, nem aos senhores homens expertos que os soubessem bem servir”¹⁹. Na Vila de Ubrique, Andaluzia, Ferreira teria visto onze portugueses levando “mais de vinte primas [de gavião] cada um”, isso sem contar que seu pai – um respeitado falcoeiro – negociaria sem dificuldades cinquenta e cinco *Accipiter nisus* e sete *Accipiter gentilis* em uma dada ocasião²⁰. Ao contrário das rapineiras importadas das “Índias” e de certas partes do Velho Mundo, aquelas capturadas na Península Ibérica eram relativamente baratas, pois os “gaviões custavam pouco dinheiro” e um esmerilhão, *Falco aesalon*, não passava de 500 reais²¹. Dependendo do sexo e idade, alguns falcões chegavam a valer 2.200 reais por volta de 1510, enquanto um pedreiro embolsava 600 reais mensais e um trabalhador não qualificado 280 reais²². Como as persistentes dificul-

11 Na opinião de Barrio (2018), Felipe IV parece ter sido o soberano espanhol que mais aves de rapina possuiu. Além dos 48 sacres já mencionados, o rei compraria mais 25 falcões no ano de 1639 – 19 de Flandres e seis de Malta – elevando a despesa total para 29.931 reais (*i.e.* 1.017.654 maravedis). Dez anos mais tarde, uma outra aquisição de falcões na Grécia, Flandres e Orã custaria à coroa 51.635 reais (*i.e.* 1.755.590 maravedis). Vide também Arroyo (2014) e Millán & Arroyo (2015).

12 Vide Gómez (2002) e Romero-Camacho (1985).

13 Vide Díaz (1981), Ladero Quesada (2008) e Salinas de Alonso (2011).

14 “Feitor Nos el Rey vos enviamos muyto saudar nos eviamos ora la a symam Royz noso caçador pera nos trazer vimte falcões emcomendamos vos e mandamos que com elle trabalhes de os comprar e aver os milhores e mais fremosos que se poderem achar os quoes será nebres polos E se achardes algüs sacres primas que ao dito simão Royz parecer fremosos e bõs comprares dous delles somête no comto dos ditos vynte E asy comprares dous açores a saber hüu prima e hüu terço os mylhores e mais bẽ feytos que poderdes achar seendo auisado que nam sejam dos pinhais de framdes ne nenhũa outra parte saluo de noruega seendo çertoque se frê doutra parte E nam de noruega que os nã auemos de mandar Receber nẽ leuar ã conta o dinheirmoque por elles derdes emcomedamos vos que tenhaes grãde cuidado de logo os ditos falcões e açores e despachardes este caçador o mais ã breve que poder ser porque nõ vay a outra cousa ao qual dares ho mãtimêto que for necessaryo pera ele e as ditas aves pera o mar ate lixboa e per esta carta cõ seu conhecimêto e asento de noso espiuão do que nysõ despenderdes vos sera leuado ã conta scripta em evora a xiiij de junhno jorge fernandes a fez anno de 1520 e quamto he ao mãtimêto de sua pesoa nõ lhe daras porque o leua por outro nosso alvara de fora Rey ao feitor de framdes sobre os xx facoes e ij açores que ade comprar e eviar por este caçador e que lhe de mantimento pera ele e as aves ate [lixboa]” (*in* J.M. Correia & N.B. Guedes, 2018). O original encontra-se disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3770453>. Vide notas 22, 26, 27, 35 e 38.

15 Vide Ferreira (1616).

16 Em carta datada de 30 de janeiro de 1568, Dom Sebastião informa Dom Francisco Pereira, embaixador de Portugal em Castela, sobre a viagem de seu ceteiro Duarte Sampaio para

conseguir alguns falcões. Depositado na Torre do Tombo, esse documento está descrito em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4636523>. Ademais, o livro de Ferreira (1616) confere a nítida impressão de que esses “falcões das Índias” não eram trazidos dos domínios portugueses no Novo Mundo. Vide Anexo 1 e nota 102.

17 Para Rueda (2018a), o desejo manifestado por Ferreira de que a “Arte da Caça da Altanería” renovasse a grandeza da volataria em Portugal não seria atendido, pois essa modalidade de caça já se transformara em “algo do passado” nos países ibéricos durante a segunda metade do século XVII, desaparecendo da Europa com a Revolução Francesa e a progressiva industrialização (Beebe, 1992; Crespo, 1999).

18 Vide Baêna & Bravo (1998), J.M. Correia (1964), J.M. Correia & N.B. Guedes (2018) e Crespo (1999).

19 A posse das diferentes aves de rapina refletia a hierarquizada sociedade da época. Embora houvesse variações (compare Bartosiewicz, 2012 *versus* Crespo, 1999), os gerifaltes costumavam ocupar o topo da escala, estando reservados aos grandes senhores. Sobre a importância conferida a esses falcões, vide De Smet (2018).

20 Filho de Pero Ferreira – renomado falcoeiro e moço de câmara do infante Dom Luís, Duque de Beja – Diogo Fernandes Ferreira nasceu por volta de 1546, tendo lidado com aves de rapina desde criança. Com o falecimento de seu antigo patrono em 1555, Pero Ferreira passaria a servir Dom Antônio, Prior do Crato, descendente de Dom Luís que também apreciava a cetraria e tomou o jovem Diogo como pajem (Ferreira, 1616; Silva, 1859). Sobre as “primas de gavião”, vide nota 35.

21 Vide Anônimo (1867) e Ferreira (1616). Trata-se do “real branco” português, cujo nome foi simplificado para “real” no governo de Dom Manuel (1495-1521), passando a “três” durante o período de Dom João IV (1640-1656). Não deve ser confundido com o “real” espanhol citado em outras passagens do texto.

22 Vide Teixeira & Papavero (2010), além dos originais pertencentes ao acervo da Torre do Tombo disponíveis em <https://digitarq.arquivos.pt/results?t=falc%3%b5es&s=Complete->

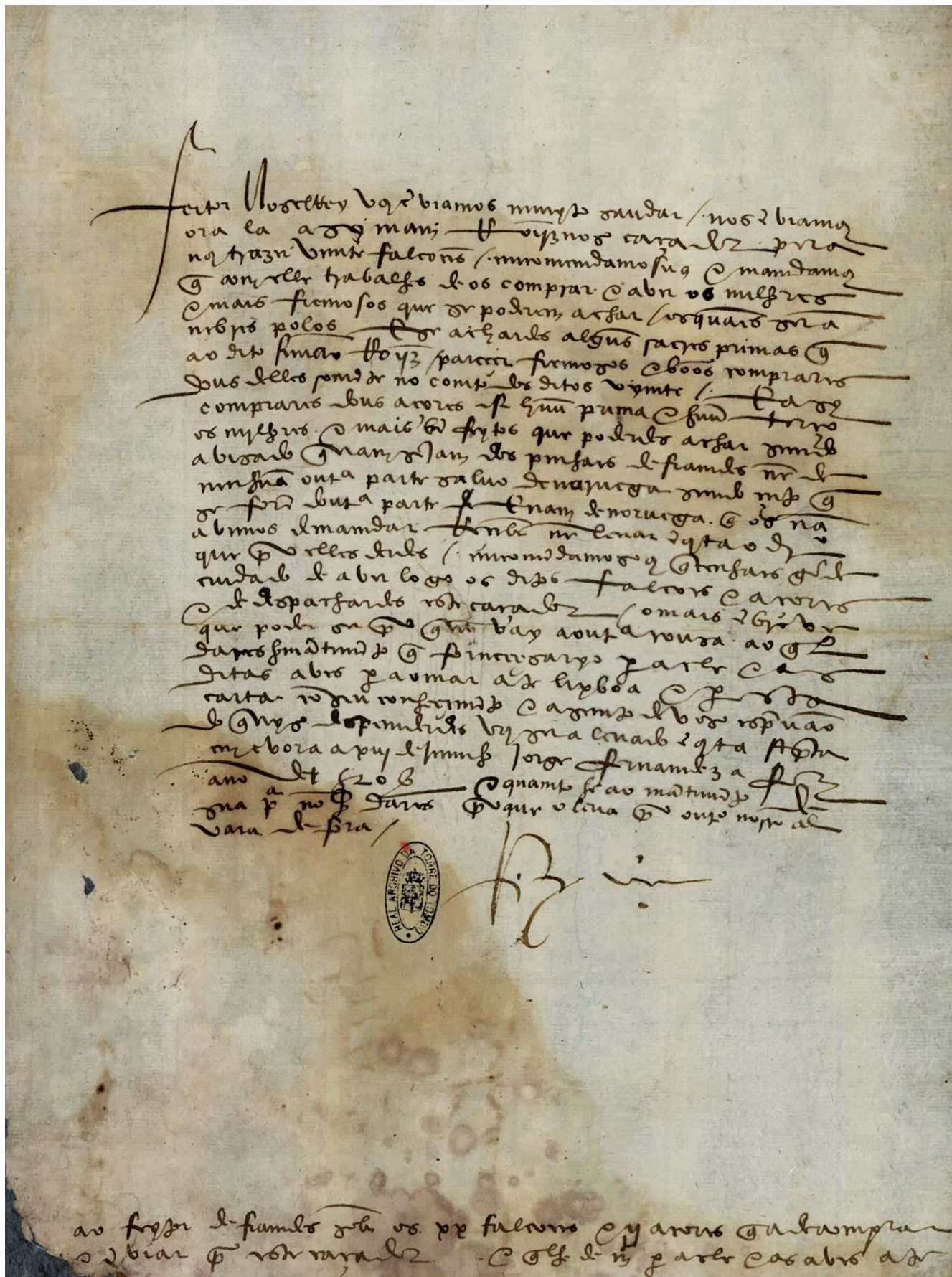


Figura 2. Alvará do rei Dom Manuel dirigido à feitoria portuguesa em Antuérpia ordenando a aquisição de dois açores e uma vintena de falcões (13 de junho de 1520). Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

Figure 2. Charter by Dom Manuel, King of Portugal, to the trading post in Antwerp ordering the acquisition of two goshawk and twenty falcons (July 13, 1520). Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisbon.

dades econômicas de Portugal promoveriam um expressivo aumento de preços no decorrer dos séculos XVI e XVII, não surpreende que a cotação dos falcões crescesse nas décadas seguintes, atingindo 4.000 reais em 1585 e 20.000 reais em 1615²³.

Com o declínio da volataria, a entrada de rapaces na Europa prosseguiria na esteira do amplo comércio de animais exóticos, mudança fadada a garantir inclusive a presença dos Cathartidae em certas “ménageries” setecentistas²⁴. Não obstante, o antigo costume de retratar as preciosas aves de presa usadas na cetraria – aqui entendidas como inegável signo de elevada posição social – constitui uma ferramenta inestimável na identificação de várias espécies, dado que a plumagem dos Falconidae e Accipitridae pode exibir acentuado polimorfismo e relevantes variações etárias, características capazes de dificultar sobremaneira uma diagnose baseada em sucintos textos de época²⁵.

OS FALCÕES E AFINS (FALCONIDAE)

Contrariando a tendência de não oferecer grandes detalhes acerca dos falcões neotropicais, alguns documentos dos séculos XVI e XVII referem-se ao embarque de “nebris” – “neblies” em espanhol – nome restrito ao falcão-peregrino, *Falco peregrinus*²⁶ (Fig. 3). Com a experiência de quem realizou diversas viagens à América desde 1514, o cronista Gonzalo Fernández de Oviedo esclarece haver na ilha de Hispaniola “falcões nebris ou peregrinos” algo mais negros que os mediterrâneos. Apareciam de passagem durante certos meses do ano, quando eram pegos em armadilhas, amansados e remetidos para a Espanha, saindo-se muito bem nas caçadas²⁷. Em 1583,

semelhante maestria seria apregoada no “Libro de Cetreria” de Luis de Zapata de Chaves, o qual tece elogios a um “nebris índio” notável pela habilidade e ímpeto, não deixando escapar nenhuma presa²⁸. No “Tratado dos Animais Terrestres e Voláteis” de 1613, Geronimo Cortes continuaria tratando os “nebris trazidos das Índias” como aves “bem cotadas que voam muito e são fáceis de tratar e aclimatar”, enquanto Diogo Fernandes Ferreira – na “Arte da Caça da Altanería” de 1616 – confirmaria a existência de “nebris das Índias de Castela nas frotas que vem a Espanha e têm o mesmo talhe e plumagem dos da Noruega”²⁹.

Entre os autores acima mencionados, Zapata de Chaves foi o primeiro a dar notícia sobre outro falcão do Novo Mundo designado na literatura como “aleto”, mas confessa pouco saber desses raros “falcõezinhos das Índias” recém-chegados à Europa³⁰, os quais possuíam feroz catadura, asas curtas e cauda longa, sendo os melhores matadores de perdizes, codornas e pégas³¹. Geronimo Cortes limita-se a falar dos aletos “trazidos do Peru” como aves do tamanho de ógeas, *Falco subbuteo* Linnaeus, 1758, nada afeitas aos cães e cavalos³². Por outro lado, Diogo Fernandes Ferreira fornece mais detalhes e retrata os aletos – nativos tanto das “Índias de Castela quanto do Brasil” – como pequenos falcões diversos de todos os demais no colorido, pois parte do peito, coxas e crisso estavam cobertos de plumas ruivas “como aquelas dos milhanos”³³. A cabeça mostrava-se “quase toda cercada por uma listra dessa mesma cor” e no papo não havia nenhum salpico, mas exibiam penas “pardas com pintas atravessadas à feição dos outros falcões” debaixo das asas e em parte das titelas. Possuíam asas compridas, cauda “bem formada para o corpo” e patas delgadas com dedos longos “graciosos à vista”. Malgrado jamais che-

²³ *UnitId&sd=False*. De acordo com um documento de 1585 (in Anônimo, 1867), as maiores quantias eram pagas por falcões com menos de um ano de idade – “polos” na linguagem ceteira da época – sendo que os machos só alcançavam a oitava parte do preço das fêmeas (500 reais versus 4.000 reais).

²⁴ Conforme Anônimo (1867) e Ferreira (1616). Vide notas 21 e 22.

²⁵ No terceiro quartel do século XVI, Monardes (1565) registraria a presença de “grifos” entre os animais trazidos das Índias, denominação aplicada no Velho Mundo a certos abutres (Bernis, 1994). Poucas décadas após a descoberta da América, comparações com esse animal fabuloso surgiriam em comentários dedicados aos Cathartidae de grande porte, por exemplo no relato de Cieza de León (1553) sobre os “condores grandísimos que casi parecen grifos” existentes no Peru – óbvia alusão ao condor-dos-andes, *Vultur gryphus* Linnaeus, 1758. Conforme destacam Pieters (1988) e Winters (2017), no começo do século XVIII havia um urubu-rei, *Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758), em Amsterdam. Vide nota 95.

²⁶ Vide Chamerlat (1986).

²⁷ Certos autores empregariam “nebris” como mero sinônimo de falcão-peregrino, enquanto muitos outros reservariam tal designação para as variedades de *Falco peregrinus* encontradas no norte da Europa ou apenas para a forma nominal da espécie (compare Almaça, 1997; Bernis, 1994; Bugalho, 1970; F. Correia & A. Pereira, 2011; Crespo, 1999; Huerta, 1624; Lessa, 1944; Muñiz, 2002; Newcomer, 1952; Oviedo y Valdés, 1526; Queiroz & Soares, 2016; Tait, 1924 e Velloso, 1977). Algumas fontes, porém, insistem em relacionar esse nome aos gerifaltes, *Falco rusticolus* (e.g. Pérez de Tudela & Gschwend, 2007).

²⁸ Conhecida como “Sumário”, a versão reduzida da “Historia General y Natural de las Indias” indicaria haver “en las Indias [...] halcones neblies o peregrinos, salvo que son más negros que los de acá” (Oviedo y Valdés, 1526), enquanto o texto completo confirma a presença de “neblis muy buenos, algo mas negros que los que en España e Italia [...] En cierto tiempo del año van á aquella isla de passo algunos halcones neblies [...] se toman algunos armándolos e se amansan presto, e se han llevado á España e han probado allá muy bien e los estiman” (Oviedo y Valdés, 1851-1855). As observações do cronista revelam-se precisas, pois *Falco peregrinus* é um migrante invernal no Caribe usualmente assinalado entre outubro e abril (Bildstein, 2004; Gallardo & Thorstrom, 2019). Contrariando todas as evidências, Armas y Céspedes (1888) identifica esses “nebris” como *Falco columbarius* Linnaeus, 1758, outra ave de arrição em Hispa-

niola. Concluído em agosto de 1556, o manuscrito do “Libro de Acetreria y Montería” de Juan de Vallés também indica a existência de “nebris” nas montanhas da “tierra del Perú” (Vallés, 1994).

²⁹ Escrito em verso no ano de 1583, o “Libro de Cetreria” de Zapata de Chaves só viria a ser publicado em data recente (e.g. Terrón Albarrán, 1979). A passagem em questão pertence ao capítulo XIV: “Mas los neblies la gente determina que los que en la marina, en las enzinias toman en las Rocinas son los buenos. Los indios no son menos alabados entre los más loados con razón. El famoso varón, de Juan de Luna, garza alta o baxa, alguna no herraba, y dos y tres mataba cada día. Patos quantos cubría ya la mano [...] quando al cabo entendieron su denuedo, que era nunca estar quedo. Mas volando anda siempre y matando todo el día. Ningún ave quería de él huyendo” (in Cachón, 2013).

³⁰ Vide Cortes (1613) e Ferreira (1616).

³¹ Charles d’Arcussia (1605, 1615, 1627), reconhece que a denominação de “aleto” empregada pelos espanhóis teria origem grega e tanto significaria “valente” – provável equívoco – quanto “verdadeiro” (αληθής). Talvez seja uma variante de “Alecto” (Ἀλεκτῶν, i.e. “implacável”), uma das erínias da mitologia cujo caráter se ajusta melhor à fama de tenaz perseguidor conferida a esse falcão. Vide Anexos 2 a 4.

³² O breve capítulo CXIX do “Libro de Cetreria” está dedicado aos “halconillos de las Indias aletos” e resume-se ao seguinte texto: “Hay no muy a la mano otros halconillos alicortos, chiquillos, colilargos que si son muy amargos de figura, que no formó natura otros mejores para ser matadores de perdices. También de codornices y picazas dellos. No sé otras cosas por ser nuevos acá, y poner sus huevos felizmente y en el sombrío poniente ser sus nidos, y en mucho son tenidos los aletos por ser ellos perfectos perdigueros, y quando de sus fueros más se entienda mejor de su hazienda os daré nueva, que a quanto hay dellos prueba así acaesce” (Zapata de Chaves in Cachón, 2013).

³³ “Los Aletos son aves traydas del Peru a España; y en el talle parecen a los Alcotanes; buelan a las perdizes, y picazas. Son esquivas, y muy recatadas de los perros y cavallos, tanto que huyen dellas, y ansi no ay que codiciarlas mucho, ny yo quiero dezir mas dellas” (Cortes, 1613). Considerando ambos sexos, *Falco subbuteo* alcança de 29 e 36 cm de comprimento total. Vide nota 53.

³⁴ Referência aos gaviões do gênero *Milvus* (Accipitridae), também conhecidos como milhafres. Estão representados em Portugal por *Milvus milvus* Linnaeus, 1758 e *Milvus migrans* Boddaert, 1783.



Figura 3. Falcão-peregrino, possivelmente um “bafari” mediterrâneo (*Falco peregrinus brookei*), representado em “Giorgio Cornaro com um Falcão” de Tiziano Vecellio (1537). Joslyn Art Museum, Omaha.

Figure 3. Peregrine Falcon, probably a Mediterranean “bafari” (*Falco peregrinus brookei*), depicted in “Giorgio Cornaro with a Falcon” by Tiziano Vecellio (1537). Joslyn Art Museum, Omaha.

gasse a contemplá-los em ação, Ferreira comenta terem a aparência de destros voadores “que matam tudo”, sendo “porfiados em matar” a ponto de entrarem nos matagais no encaço das perdizes. Em 1605, “o licenciado Felipe Butaca Henriques”³⁴ veria essas rapineiras – “maiores que

gaviões primas e menores que falcões”³⁵ – perseguindo papagaios e outras aves na região do rio das Pedras e de Porto Calvo, atual Alagoas³⁶.

34 Filho do licenciado Antão Butaca, Felipe Butaca Henriques matriculou-se na Universidade de Coimbra em 1585, formando-se em leis em 1591. Enviado a Angola como procurador régio encarregado de investigar as ações do governador Manuel Cerveira Pereira, foi preso pouco depois de chegar a Luanda e embarcado para Pernambuco. Vide outros detalhes em Bonciani (2010a, 2010b).

35 Conforme esclarece o próprio Ferreira (1616), chamam-se “primas” as fêmeas das rapineiras empregadas na falcoaria. Portanto, os aletos seriam maiores que as fêmeas dos gaviões e menores que os falcões – prováveis alusões a *Accipiter nisus* e *Falco peregrinus* respectivamente. As primeiras alcançam de 35 a 45 cm de comprimento, enquanto os últimos, considerando ambos os sexos, oscilam entre 36 e 58 cm. Vide notas 38 e 53.

36 Segundo Ferreira (1616). Citado em outras fontes do século XVII (e.g. Dussen, 1947) o “rio das Pedras” corresponderia ao atual rio Manguaba (Pereira, 2020). Vide Anexo 1.

A leitura da “Fauconnerie” de Charles d’Arcussia – fonte celebrada a respeito dos aletos – requer atenção pelas disparidades existentes nas dez edições lançadas em menos de cinquenta anos³⁷. As duas primeiras (1598 e 1599) não tratam dessas rapaces e a terceira (1605) limita-se a caracterizá-las como rapineiras do tamanho aproximado de um “treçó de falcão”³⁸ trazidas “das ilhas ocidentais recentemente descobertas” para a Espanha³⁹, onde conquistariam invejável reputação graças à sua raridade e galhardia⁴⁰. A impressão de 1615 traz um texto ampliado que, grosso modo, será repetido nas tiragens subsequentes – por exemplo a de 1627⁴¹. Segundo essa nova versão, os aletos teriam o porte e a plumagem das partes superiores comparáveis às de um “treçó de falcão”, sendo as inferiores de um colorido alaranjado pálido tendente ao canela, havendo no ventre um crescente marrom em forma de ferradura voltado em direção às coxas. As ilustrações da “Fauconnerie”, porém, devem ser objeto de extrema reserva em virtude das sucessivas mudanças introduzidas ao longo do tempo. Com efeito, a gravura do “falcão” de 1599 e 1605 passaria a figurar o “aleto” no volume de 1615 e o “gerifalte” naqueles de 1627, 1643 e 1644, enquanto o “gerifalte” de 1615 seria renomeado como “aleto” nos tomos de 1627, 1643 e 1644 (Fig. 4).

Escrito por Pierre Harmont, falcão real por 45 anos, o “Miroir de Fauconnerie” mostra uma trajetória diversa. Duas edições viriam à luz em 1620 e 1635, ao passo que outras surgiriam como apêndices da “Vénerie” de Jacques du Fouilloux em 1634, 1635, 1640 e 1650, mantendo folha de rosto separada e paginação própria⁴². O texto permanece o mesmo, mas as tiragens associadas à “Vénerie” exibem imagens copiadas de outras obras, estando a do “aleps ou aleto”⁴³ calcada naquela do “gerifalte” pertencente à famosa “Histoire de la nature des Oiseaux”, livro de Pierre Belon publicado em 1555⁴⁴ (Fig. 5). Pródigo em observações sobre o desempenho e manejo dos “aleps”, Harmont contenta-se em descrevê-los como falcões do

porte de um gavião, *Accipiter nisus*, com as partes superiores cor de ardósia e as inferiores acaneladas⁴⁵.

Nos comentários à “História Natural de Caio Plínio Segundo” de 1624, Geronimo de Huerta enalteceria as habilidades venatórias dos aletos, caracterizando-os como falcões miúdos quase do colorido do “nebri” dotados de cabeça volumosa em proporção ao corpo, olhos brilhantes e lustrosos, bico curvo e largo, coxas fortes, pernas escamosas e dedos dos pés nodosos⁴⁶. Contradizendo a narrativa de Zapata de Chaves, a cauda seria curta e as asas longas com os encontros elevados, particularidade que lhes valeria o epíteto de “corcunda” aplicado às rapineiras de idade avançada⁴⁷. Outros autores dos séculos XVII e XVIII padecem das mesmas limitações, havendo quem escrevesse sobre os aletos sem nunca ter visto um exemplar⁴⁸. Das pranchas impressas, a menos inverossímil seria traçada por Jean Huber para as “Observations sur le Vol des Oiseaux de Proie” de 1784 (Fig. 6). Todavia, essa ilustração é vaga em demasia e tampouco permite uma diagnose, podendo estar baseada no texto de d’Arcussia⁴⁹.

Objeto de viva controvérsia, os aletos já foram associados a uma enigmática rapineira extinta antes do século XIX e até mesmo aos picanços (Passeriformes, Laniidae)⁵⁰. O elenco sugerido compreende representantes dos Accipitridae e Falconidae tão distintos entre si como *Harpagus bidentatus* (Latham, 1760), *Leucopternis* sp., *Falco peregrinus*, *Falco deiroleucus* Temminck, 1825 e *Micrastur semitorquatus* (Vieillot, 1817) – ou outra espécie do gênero⁵¹. Diferentes aves de presa do Neotrópico podem ter chegado à Europa sob o nome de aleto, mas os poucos informes substantivos disponíveis tornam plausível uma atribuição ao falcão-de-coleira, *Falco femoralis* Temminck, 1822⁵². De fato, a julgar pelas narrati-

37 De acordo com o estudo de Ernest Jullien sobre a vida e obra de Charles d’Arcussia (in d’Arcussia, 1883), a “Fauconnerie” teria sido publicada dez vezes entre 1598 e 1644, sendo póstumas as duas últimas edições. Também existe ao menos uma tradução alemã (d’Arcussia, 1617), mas o atual ensaio só considerou o texto de sete das versões francesas (d’Arcussia, 1599, 1605, 1615, 1627, 1643, 1644).

38 “Un tiercelet du faucon” no original (d’Arcussia, 1605, 1615, 1627). Em cetraria, os machos das diferentes rapineiras eram chamados de “treçó” ou “terçó” – “tiercelet” em francês, “terzel” em alemão, “tiercel”, “tercel” ou “tarsell” em inglês. Boa parte dos autores contemporâneos segue Buffon (1770-1786) ao atribuir semelhante denominação ao fato de os machos dos Accipitridae e Falconidae serem cerca de um terço menores que as fêmeas. Outros evocam a antiga crença, transcrita por Pietro de’ Crescenzi já na primeira década do século XIV, de que as aves de presa poriam três ovos, nascendo sempre fêmeas dos primeiros – as “primas” – e machos do terceiro – o “terçó” (Cobarruvias Orozco, 1611; Crescenzi, 1471; Harting, 1871, 1891; Tardif, 1492, 1882; Vallés, 1994). Como o “faucon” mencionado corresponde a *Falco peregrinus*, a sentença constitui uma alusão ao porte dos machos dessa espécie. Vide notas 35 e 53, bem como os Anexos 2 a 4.

39 Vide nota 54.

40 Vide d’Arcussia (1605) e Anexo 2.

41 Vide d’Arcussia (1615, 1627) e Anexos 3 e 4.

42 Alinhado de “Mercure”, Pierre Harmont ocuparia o posto de “Fauconnier de la Chambre” durante os reinados de Henrique III, Henrique IV e Luis XIII (d’Aubusson, 1879). O presente ensaio considera a primeira edição do “Miroir de Fauconnerie” e duas versões publicadas na “Vénerie” (Harmont, 1620, 1634, 1650). Algumas passagens sobre os aletos estão claramente baseadas em Charles d’Arcussia (1615) – compare os Anexos 3 e 5.

43 Em francês, esses falcões eram conhecidos como “alêthe”, “alethe”, “alais” ou “aleps” (Noirmont, 1868).

44 Vide Belon (1555).

45 “Leur taille est comme d’un Espervier [...] ils sont tout d’une piece sur le derriere, couleur d’ardoize: Sur le devant ils sont de couleur de zinzolin; la main comme un Espervier; la teste tient de leur espece n’y en ayant point de semblable” (Harmont, 1620). O texto compara o porte dos aletos ao dos gaviões, *Accipiter nisus*, que podem variar entre 29 e 45 cm considerando ambos os sexos. Vide nota 53 e Anexo 5.

46 Os comentários de Huerta (1624) foram copiados – com poucos reparos – tanto por Martinez de Espinar (1644) quanto por Salzedo Coronel (1638). A rigor, o livro de Salzedo Coronel é uma edição comentada das “Soledades” de 1613, poema inconcluso de Luis de Góngora que caracteriza o aleto como um falcão “nuevo en nuestra Europa”.

47 “El Aleto llamado de algunos halcon giboso, por tener los encuentros de las alas tan levantados que parecen giba o corcoba” (Huerta, 1624). Diderot & d’Alembert (1751-1765) atribuem esse nome aos falcões mais idosos, enquanto Aldrovandi (1599) designa uma variante de *Falco peregrinus* como “falcone giboso”. Na “Arte da Caça de Altanería”, Diogo Fernandes Ferreira (1616) registra um *Accipiter gentilis* com 20 anos de cativo e um *Falco aesalon* com 28 anos. Sobre a longevidade dos aletos, vide notas 63 e 64.

48 Este é o caso de Morais (1683) e de Jacques Elie Manceau, Senhor de Boissoudan, cujo texto seria escrito por volta de 1750 e publicado pela primeira vez como apêndice da “Vénerie” de Jacques du Fouilloux (Manceau, 1864).

49 Vide Huber (1784).

50 Vide Arbel (1900) e Rodriguez de la Fuente (1986). Não foram considerados os autores (e.g. Jesus Paniagua Pérez et al., in Valencia, 1993) que confundiram “aleto” com “halieto”, nome aplicado à águia-pescadora, *Pandion haliaetus* (Linnaeus, 1758).

51 Compare Baëna & Bravo (1998), Belvallette (1903), Fernando Féas (in Fox, 2003), Jack (1996), Lessa (1944), José Antonio Aguilar Rivera (in Nelson, 1996), Pareja-Obregon de los Reyes (1997), Ruttledge (1955), Schlegel & Wulverhorst (1853) e Velloso (1977). Não deixa de ser curioso que o nome “aleto” continue vivo nas ilhas Canárias e seja usado para designar uma espécie do Velho Mundo, no caso o falcão-da-rainha, *Falco eleonorae* Gené, 1839 (teste Bernis, 1994).

52 Vide Aranda (2002), Lavauden (1925) e Nelson (1996, 2007). Por outro lado, Almaça (1997) considera difícil decidir entre *Falco femoralis* e *Micrastur semitorquatus*, enquanto Bernis (1994) cita “*Falco femoralis* ou outra espécie americana de *Falco*”.



Figura 4. Pranchas de diferentes edições da “Fauconnerie” de Charles d’Arcussia. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: “faucon” (1509), “alethe” (1615), “gerfaut” (1615) e “alethe” (1643).

Figure 4. Engravings of different editions of Charles d’Arcussia’s “Fauconnerie”. From left to right, top to bottom: “faucon” (1509), “alethe” (1615), “gerfaut” (1615) and “alethe” (1643).



Figura 5. Da esquerda para a direita: o “aleps” do “Miroir de Fauconnerie” de Pierre Harmont (1634) e o “gerifalte” da “Histoire de la nature des Oiseaux” de Pierre Belon (1555).
Figure 5. From left to right: the “aleps” of Pierre Harmont’s “Miroir de Fauconnerie” (1634) and the “gerifault” of Pierre Belon’s “Histoire de la nature des Oiseaux” (1555).

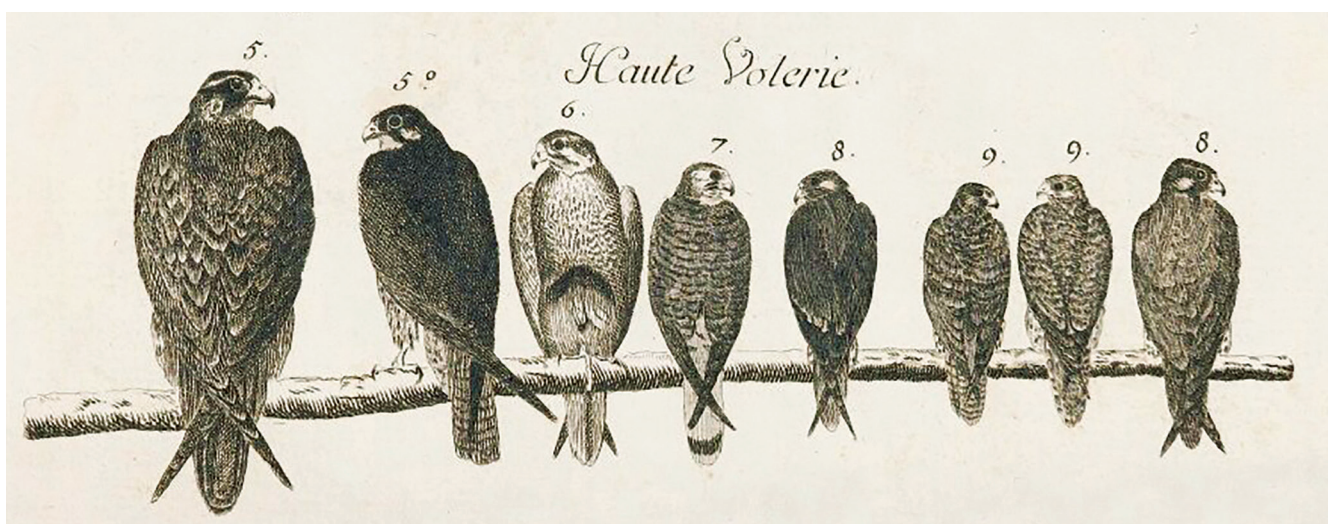


Figura 6. O “alethe” (Nº 6, terceiro da esquerda para a direita) segundo ilustração das “Observations sur le vol des oiseaux de proie” de Jean Huber (1784).
Figure 6. The “alethe” (Nº 6, third from left to right) of Jean Huber’s “Observations sur le vol des oiseaux de proie” (1784).

vas de Diogo Fernandes Ferreira e Charles d’Arcussia, os aletos eram similares aos machos de *Falco peregrinus* no porte e colorido⁵³, notabilizando-se pelo supercílio e partes inferiores tingidos de ocráceo, estando parte do peito e flancos cobertos por penas pardas marcadas de branco formando um grosseiro “U” invertido.

Independente de qualquer consideração, a presença de *Falco femoralis* na cetraria europeia dos séculos XVI e XVII está ratificada por algumas fontes iconográficas⁵⁴. Trazidas à luz após 1575, duas aquarelas vinculadas a

⁵³ Se levamos em conta ambos os sexos, o comprimento total de *Falco femoralis* oscila de 37 a 42 cm, enquanto os machos *Falco peregrinus* alcançam de 36 a 42 cm. Vide notas 32 e 45 acerca das comparações com *Falco subbuteo* e *Accipiter nisus*, que apresentam porte similar. Sobre as variações de plumagem e tamanho de *Falco femoralis*, consulte-se Keddy-Hector (2000, 2019).

⁵⁴ Assinalado do sul dos Estados Unidos à Terra do Fogo, *Falco femoralis* teria sido registrado para as Índias Ocidentais apenas em 2008, ocorrência baseada em um único indivíduo observado em Porto Rico (compare Ferguson-Lees & Christie, 2001 e Keddy-Hector, 2000 versus Mathys, 2011). Embora os exemplares encontrados na Europa quinhentista devam ser provenientes do continente americano propriamente dito, não surpreende que certos autores dos séculos XVI e XVII cometessem o engano de apontar as ilhas do Caribe como a origem desses falcões, pois este costumava ser o ponto de partida das frota espanholas na América.

Jacopo Ligozzi reproduzem um dos falcões-de-coleira de Ferdinando I de' Medici, Grão-Duque da Toscana⁵⁵, material empregado na composição da gravura dedicada à segunda variedade do "*Falconis rubris*" de Ulisse Aldrovandi⁵⁶ (Fig. 7). Por seu turno, a famosa aquarela de *Falco femoralis* existente no chamado "Naturstudien"⁵⁷ – em geral atribuída a Giuseppe Arcimboldo – dispõe de uma cópia inacabada nos "Álbuns" de Anselmus de Boodt⁵⁸ e também guarda semelhança com o guache de um falcão-de-coleira encontrado no monumental "*Bestiarium*" de Rudolph II⁵⁹ (Figs. 8 a 10). Na opinião de alguns, contudo, a imagem do "Naturstudien" – datada de 1575 – não pertenceria a Arcimboldo mas ao artista espanhol Alonso Sánchez Coello, conjectura fundamentada no pressuposto desse *Falco femoralis* ser a mesma ave representada no retrato do Arquiduque Wenceslas de Áustria, quadro finalizado por Coello em Madri no ano de 1574. Todavia, a rapineira exposta nessa última pintura na verdade é um *Accipiter gentilis*, conforme se depreende de outras obras do período⁶⁰ (Fig. 11).

Para Luis de Zapata de Chaves, os aletos teriam surgido na Península Ibérica pouco antes de 1583 – certamente uma ou duas décadas mais cedo a julgar pela supracitada aquarela do "Naturstudien"⁶¹. De acordo com o testemunho de Charles d'Arcussia, estes falcões já circu-

lavam entre a alta nobreza do norte da Itália em 1577⁶², sendo introduzidos na França através de Maria de' Medici, esposa de Henrique IV, que desembarcou no porto de Marselha a 3 de novembro de 1600 com um exemplar – o dito "aleto da rainha" ou "aleto dos Medici"⁶³. Grande aficionado pela caça, o rei de França conseguiria um segundo espécimen "ainda melhor" devido aos esforços de Emery de Barrault, embaixador na Espanha de 1603 a 1608⁶⁴. Escudado nas aquisições concluídas em 1580 através de Hans Khevenhüller – seu legado em Madri – o imperador Rudolph II receberia quatro aletos em Praga no ano de 1581. Outros dois viriam em 1591 e os dois últimos em 1599⁶⁵.

Dos quatro aletos adquiridos por Khevenhüller em 1580, um custaria 1.000 reais (i.e. 34.000 maravedis) e dois dos três restantes 100 ducados cada (i.e. 37.500 maravedis), cifras notáveis caso se considere que os afamados gerifaltes, *Falco rusticolus*, importados da Europa setentrional valiam 7.500 maravedis⁶⁶. Como se não bastasse, a edição de 1605 da "Fauconnerie" de Charles d'Arcussia destaca o formidável montante de 300 escudos (i.e. 120.000 maravedis) cobrado pelos os aletos recém-chegados – porventura um equívoco ou exagero⁶⁷. No último quartel do século XVI um carpinteiro ou pedreiro ganhava em torno de 30.000 maravedis ao ano e um peão cerca de 15.000 maravedis⁶⁸.

Na "Arte da Caça da Altanería" de 1616, Diogo Fernandes Ferreira faz referência a falcões capturados quando pousavam exaustos em navios ao largo – evento curioso lembrado em textos de cetraria desde o medieval⁶⁹

55 Essa prancha de *Falco femoralis* provavelmente figura um dos dois aletos oferecidos a Ferdinando I, um diligente caçador, por Felipe II de Espanha no ano de 1598 (outros mencionam um presente de Felipe III, compare Groom, 2018 versus Haupt et al., 1990). Caso assim seja, as aquarelas atribuídas a Jacopo Ligozzi teriam sido executadas entre 1598 e 1599, data de publicação do primeiro tomo da "*Ornithologia*" de Aldrovandi. Vide nota 63.

56 Aldrovandi (1599) distingue duas variedades de "*Falconis rubris*" e trata ambas como aves exóticas oriundas das "Índias Orientais". Mercedora de comentários bem mais extensos, a primeira parece ser um "shaheen", *Falco peregrinus peregrinator* Sundevall, 1837, do subcontinente indiano, o que talvez explique o equívoco do naturalista holandês sobre a procedência de *Falco femoralis*. Desde então, o nome aleto – e suas variantes – continuaria sendo aplicado a rapineiras do Novo Mundo e do Oriente, lapso destinado a perdurar pelo menos até meados do século XVIII (teste Diderot & d'Alembert, 1751-1765).

57 Organizado na segunda metade do século XVI, o volume conhecido como "Naturstudien" congrega diversas ilustrações referentes à História Natural elaboradas por artistas como Joris Hoefnagel, Giuseppe Arcimboldo, Daniel Fröschel, Ludger Tom Ring, Hans Verhagen e Johan Wierix. Para outras informações, consulte-se os registros da Österreichische Nationalbibliothek disponíveis em https://digital.onb.ac.at/RepViewer/viewer.faces?doc=DTL_3008739&%20order=1&view=SINGLE.

58 Por volta de 1596, o Imperador Rudolph II encarregaria o polímata Anselmus de Boodt do ambicioso projeto de figurar todas as plantas, aves e quadrúpedes conhecidos. Até 1610, seriam produzidas 750 ilustrações executadas pelo próprio De Boodt e outros artistas, com destaque para Elias Verhulst no caso das aves e flores. O trabalho foi interrompido pela renúncia e morte de Rudolph II (1611-1612), eventos que forçariam De Boodt a retornar para sua Bruges natal levando os originais, reunidos séculos mais tarde em doze "álbuns", todos disponíveis em <https://www.rijksmuseum.nl/en/rijksstudio/73451--Julia-Czapla/collections/anselmus-de-boodt-and-his-albums>. A imagem de *Falco femoralis* incluída nesta iconografia não passa de uma cópia incompleta da pintura pertencente ao "Naturstudien", estando a mão enluvada e piós apenas esboçados. Vide Maselis et al. (1999) para outros detalhes.

59 Disposto em dois alentados volumes com numerosas imagens elaboradas entre o final do século XVI e o começo do XVII, o "*Bestiarium*" costumava ser associado a Joris Hoefnagel e Jakob Hoefnagel, embora análises recentes tenham sugerido como principais autores Dirck de Quade van Ravesteyn e Daniel Fröschel, pintores da corte do imperador Rudolph II (Bukovinská, 2005; Haupt et al., 1990).

60 Vide Gschwend (2015b, 2018) e Pérez de Tudela & Gschwend (2001, 2007). Ao refutar essa hipótese, Kaufmann (2009) corretamente destaca que as aves figuradas no quadro de Coello e na aquarela do "Naturstudien" não possuem a mesma plumagem.

61 Finalizado em 1583, o texto de Zapata de Chaves (in Cachón, 2013) trata os aletos como "falcãozinhos das Índias" recém-chegados na Europa (vide nota 31). Para alguns, a importação dessas rapineiras teria sido iniciada na década de 1570 ou no "final do século XVI" (Gschwend, 2015a; Noirmont, 1868; Pérez de Tudela & Gschwend, 2001, 2007).

62 Na edição de 1605, Charles d'Arcussia explicita ter visto seus primeiros aletos nas mãos dos governantes de Ferrara e Turim, mas não declina a data ("Le premier que ie veis fut à Ferrare, qui estoit à son Altesse, & au mesme temps passant par Turin, i'en veis vn autre qui estoit au Duc de Sauoye, dernier mort"). Mais esclarecedora, a tiragem de 1615 estabelece que essas observações envolviam três exemplares e teriam sido efetuadas trinta e oito anos antes, portanto em 1577 ("Le premier que ie veis fut à Ferrare, il y a trente huit; qui estoit à son Altesse: & au mesme temps passant par Turin, i'en veis deux autres qui estoient au Duc de Sauoye, dernier decedé"). Compare Anexos 2 e 3.

63 Vide d'Aubusson (1879) e d'Arcussia (1605, 1615). Em carta datada de 21 de junho de 1598, o embaixador Hans Khevenhüller informa o imperador Rudolph II que Felipe II de Espanha havia cedido dois de seus cinco aletos para Ferdinando I de' Medici, Grão-Duque de Toscana (in Haupt et al., 1990). Esta poderia ser a origem do exemplar levado para França pelas mãos de Maria de' Medici (vide notas 55 e 102), o qual sofreria oito mudas até Henrique IV passá-lo adiante por já estar muito velho (Harmont, 1620). Para outros detalhes, consulte-se Belis (2015) e Noirmont (1868), bem como o Anexo 5.

64 De acordo com Pierre Harmont (1620), esse aleto chegaria a completar nove mudas antes de morrer em um acidente. Vide Anexo 5, além de d'Aubusson (1879) e Noirmont (1868).

65 Consulte-se os extensos comentários sobre o assunto disponíveis em Haupt et al. (1990). Composta em dezembro de 1576, uma carta do embaixador Hans Khevenhüller refere-se a "dois alanos" enviados ao imperador Rudolph II, passagem vista por certos autores como uma alusão aos falcões "aplomados", ou seja, os aletos ("The two alanos [aplomados] are waiting for your royal Highness in Barcelona"; apud Gschwend, 2018). No entanto, o nome "alano" costuma ser empregado para designar uma variedade de cão de caça similar aos molossos ou dogues que já aparece no famoso "Libro de Montería", obra escrita pelo rei Alfonso XI durante o século XIV (in Argote de Molina, 1582). Vide nota 107.

66 Conforme Haupt et al. (1990). Esses dois últimos aletos pertenciam a Dom Antônio, Prior do Crato. Vide nota 102.

67 Conforme d'Arcussia (1605, 1615, 1627). No entanto, autores como Harmont (1620) chegam a falar em até quatrocentos escudos pagos por aletos sem treinamento ("ils coustent trois ou quatre cens escus sans estre dressez"). Essas fontes parecem estar se referindo ao escudo espanhol, moeda que valia 350 maravedis em 1535, 400 maravedis em 1566 e 440 maravedis em 1609. Para efeito do cálculo efetuado, empregou-se a cotação de 400 maravedis. Vide Anexos 2 a 5.

68 Vide Grueso (2006).

69 Episódios desse tipo continuam acontecendo até nos dias de hoje (teste Macdonald, 2006) e estão documentados em trabalhos de falcoaria desde o século XIII, caso do admirável "*De Arte Venandi cum Avibus*" do imperador Frederick II de Hohenstaufen (ca. 1240; vide Wood &



Figura 7. Falcão-de-coleira (*Falco femoralis*). Da esquerda para a direita, de cima para baixo: aquarelas atribuídas a Jacopo Ligozzi (após 1575) e gravura da “*Ornithologia*” de Ulisse Aldrovandi (1599). Gabinetto Disegni e Stampe da Gallerie degli Uffizi, Florença e Biblioteca da Università di Bologna.

Figure 7. Aplomado Falcon (*Falco femoralis*). From left to right, top to bottom: watercolors attributed to Jacopo Ligozzi (after 1575) and engraving of Ulisse Aldrovandi’s “*Ornithologia*” (1599). Gabinetto Disegni e Stampe, Gallerie degli Uffizi, Florence, and Library of Università di Bologna.



Figura 8. Falcão-de-coleira (*Falco femoralis*). Aquarela do “*Naturstudien*” atribuída a Giuseppe Arcimboldo (1575). Österreichische Nationalbibliothek, Viena.

Figure 8. Aplomado Falcon (*Falco femoralis*). Watercolor attributed to Giuseppe Arcimboldo belonging to the “*Naturstudien*” (1575). Österreichische Nationalbibliothek, Wien.



Figura 9. Falcão-de-coleira (*Falco femoralis*). Aquarela de autoria controversa (talvez Elias Verhulst) pertencente ao “*Álbum*” de Anselmus de Boodt (ca. 1596-1610). Rijksmuseum, Amsterdam.

Figure 9. Aplomado Falcon (*Falco femoralis*). Watercolor by an unknown artist (perhaps Elias Verhulst) belonging to the “*Album*” of Anselmus de Boodt (ca. 1596-1610). Rijksmuseum, Amsterdam.



Figura 10. Falcão-de-coleira (*Falco femoralis*). Guache de autoria controversa (talvez Dirck de Quade van Ravesteyn) pertencente ao “*Bestiarium*” de Rudolph II (final do século XVI – começo do século XVII). Österreichische Nationalbibliothek, Viena.

Figure 10. Aplomado Falcon (*Falco femoralis*). Gouache by an unknown artist (perhaps Dirck de Quade van Ravesteyn) belonging to the “*Bestiarium*” of Emperor Rudolph II (late 16th – early 17th century). Österreichische Nationalbibliothek, Wien.

(Fig. 12). Mesmo assim, causa surpresa o trecho sobre um gerifalte, *Falco rusticolus*, “tão alvo como uma pomba⁷⁰ [...] tomado em uma nau na altura do Brasil [enquanto estava] atravessando o mar”, o qual seria encaminhado “ao infante Dom Luís, Duque de Beja, filho d’El-rei Dom Manuel⁷¹”. Na Europa, indivíduos errantes dessa espécie circumpolar po-

dem chegar até Portugal, Espanha, França, Itália e Bulgária, mas tais exemplares são incomuns e soem não transpor os 46° de latitude Norte (Fig. 13). Da mesma maneira, as populações residentes na América do Norte raro ultrapassam a faixa fronteira do Canadá com os Estados Unidos em seus deslocamentos, a despeito de o registro mais meridional pertencer a Lubbock, Texas, aos 33°34’ de latitude Norte. Como *Falco rusticolus* também não costuma ir além dos 44° de latitude Norte na Ásia, o comentário de Ferreira pode ser entendido como um indício sem paralelo sobre presença de gerifaltes no hemisfério sul⁷². De resto, cumpre lembrar o fato de o esmerilhão, *Falco aesalon*, ter sido assinalado para o Brasil graças a uma fêmea recolhida, em novembro de 1963, por um barco holandês próximo ao litoral da Bahia. A análise levada a cabo concluiria tratar-se de *Falco aesalon subaeson* (Brehm, 1827), forma da Islândia e Ilhas Faroé que se dispersa no inverno boreal⁷³.

Entre 1601 e 1615, ao discorrer sobre a conquista da Nova Espanha, Herrera y Tordesillas mencionaria “gerifaltes” para as províncias de Michoacán, Tepeáca e Chiapas, enquanto o médico sevilhano Nicolás Monardes relacionaria falcões desse tipo entre os animais trazidos pelas frotas das Índias em meados do século XVI⁷⁴. Como nenhuma imagem ou detalhe descritivo são fornecidos e as circunstâncias tornam bastante improvável que tantos *Falco rusticolus* pudessem ser encontrados em latitudes tão baixas, resta especular se esses autores não estariam diante de *Falco mexicanus* Schlegel, 1850, espécie de médio porte com a plumagem branca e cor de areia marcada de negro encontrada do sudoeste do Canadá e oeste dos EUA ao sul do México.

OS GAVIÕES E AFINS (ACCIPITRIDAE)

Apesar de Nicolás Monardes informar que “açores” do Novo Mundo também chegavam à Espanha, as notícias sobre os Accipitridae neotropicais na Europa são demasiadamente escassas durante o início da Idade Moderna⁷⁵. De fato, a única alusão conhecida até o momento caberia à “Arte da Caça da Altanería” de 1616, onde Diogo Fernandes Ferreira relata ter visto, no ano de 1608, um dos dois “açores do Brasil” entregues a Dom Cristóvão de Moura, Marquês de Castelo Rodrigo – o segundo seria enviado ao rei Felipe III de Espanha⁷⁶. Esse “pássaro notável” tinha “boa postura” e na “grandeza do corpo fazia vantagem aos açores da nossa Europa, ainda que pouca”, possuindo “o rosto comprido [e] a cabeça para o corpo antes pequena que grande”. “No alto dela, em direito dos olhos, tinha umas penas mais compridas que outras,

Fyfe, 1943). Concluído em 1386, o “Libro de Caça de las Aves” de Pero Lopez de Ayala atesta que mesmo os pequenos francelhos, *Falco tinnunculus* Linnaeus, 1758, se aventuravam mar adentro, pois o autor veria um deles pousar no mastro de uma galera saída de La Rochelle “a vinte léguas da terra” (“Otrosí, ví veniendo de La Rochela en España, bien á veynte leguas de tierra, venir á mi galea un çerrenicalo”; Lopez de Ayala, 1959, 1986).

70 No “Libro de Caça de las Aves” de 1386, Pero Lopez de Ayala também descreve um *Falco rusticolus* “branco como uma pomba” com algumas “penas negras de través nas coxas”, capturado na ilha de Olerón, costa atlântica da França (“era este girifalte tan blanco como una paloma blanca, salvo que tenia unas plumas pretas al través en las cujas”). O texto reconhece haver gerifaltes escuros, cinzentos e brancos – desde exemplares virtualmente imaculados até aqueles com marcas negras bem definidas, ditos “letrados” por parecerem “um livro escrito com letras grossas” (“hay girifaltes que son llamados letrados, porque lo blanco hán muy blanco et lo al muy preto [...] en guisa que parece como libro escripto de letras gruesas”; Lopez de Ayala, 1959, 1986). Admitidos por diversas fontes contemporâneas, os morfos em questão possuiriam uma frequência relativa variável em termos geográficos, estando aqueles de plumagem branca concentrados nas latitudes mais altas da Sibéria, Alasca, Canadá e Groenlândia (Mehler *et al.*, 2018; Potapov & Sale, 2005).

71 Embora a data não esteja discriminada, a captura desse gerifalte ao largo do litoral brasileiro só pode ter acontecido antes da morte do infante Dom Luís, observada em 1555. De qualquer modo, chama atenção que tal ocorrência tenha passado despercebida dos autores contemporâneos mesmo após os comentários de Varnhagen (1860). A “Arte da Caça da Altanería” também cita um *Falco aesalon* aprisionado “no mar em uma nau da armada de Dom João Fajardo” durante 1612, bem como um outro *Falco rusticolus* recolhido por “uma nau flamenga” no ano de 1614. Vide nota 20 e Anexo 6.

72 Sobre a distribuição geográfica, movimentos sazonais e registros de *Falco rusticolus*, vide Cade (1982), Ferguson-Lees & Christie (2001), Lockwood & Freeman (2004), Lopez de Ayala (1959), Nankinov (1992), Potapov & Sale (2005), Reis-Junior (1930), Riols & Riols (1979) e Wheeler & Clark (1995).

73 Para outros detalhes, consulte-se Baars-Klinkenberg & Wattel (1964).

74 Conforme Monardes (1565) e Herrera y Tordesillas (1601-1615), cujas observações baseariam o texto de Antonio Vázquez de Espinosa em 1628-1629 (Vázquez de Espinosa, 1948). Na segunda metade do século XVI, porém, frei Bernardino de Sahagún afirmaria taxativamente não haver gerifaltes na Nova Espanha (Bernadino de Sahagún, 1938). Vide nota 95.

75 Conforme Monardes (1565). Vide nota 95.

76 Vide Ferreira (1616) e Anexo 7.



Figura 11. Açor (*Accipiter gentilis*). Da esquerda para direita: “Retrato do Arquiduque Wenceslas” de Alonso Sánchez Coello (1574) e “Retrato de um Falcoeiro” de Frans Floris, “o Velho” (1558). Kunsthistorisches Museum, Viena e Herzog Anton Ulrich-Museum, Braunschweig.

Figure 11. Goshawk (*Accipiter gentilis*). From left to right: “Portrait of Archduke Wenceslas” by Alonso Sánchez Coello (1574) and “Portrait of a Falconer” by Frans Floris, the Elder (1558). Kunsthistorisches Museum, Wien, and Herzog Anton Ulrich-Museum, Braunschweig.



Figura 12. Falcão pousado em um barco. Detalhe do manuscrito “*De Arte Venandi cum Avibus*” do imperador Frederick II de Hohenstaufen (ca. 1240). Biblioteca Apostolica Vaticana, Cidade do Vaticano.

Figure 12. Falcon perched on a boat. Detail of the manuscript “*De Arte Venandi cum Avibus*” by Emperor Frederick II of Hohenstaufen (ca. 1240). Biblioteca Apostolica Vaticana, City of Vatican.

postas como as dos nossos bufos, a modo de cornos⁷⁷, as quais abaixava às vezes [e que] não eram mui compridas”. Apresentava “o pescoço bem tirado⁷⁸ [e] as penas de que tinha o peito coberto eram brancas sem nelas haver pinta alguma. Era mais pernalto alguma coisa que os nossos açores, tinha as mãos mais pequenas [e] o cabo mais curto⁷⁹”.

O texto de Ferreira parece dizer respeito a uma rapineira pouco maior que *Accipiter gentilis* – portanto com o comprimento total acima de 60 cm – provida de conspícua crista no píleo, características atribuíveis a *Spizaetus tyrannus* (Wied, 1820), *Spizaetus ornatus* (Daudin, 1800) e *Spizaetus melanoleucus* (Vieillot, 1816), assim como *Morphnus guianensis* (Daudin, 1800) e até mesmo *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758). Nenhuma delas, entretanto, corresponde a todos os detalhes citados, sendo particularmente inusitada a referência sobre uma cauda menor

⁷⁷ Nome aplicado em Portugal sobretudo a *Bubo bubo* (Linnaeus, 1758) e *Asio otus* (Linnaeus, 1758). Ao escrever sobre a fauna de Chiapas, sul do México, Herrera y Tordesillas (1601-1615) mencionaria a existência de dois tipos de açores, uns como aqueles da Espanha e outros com penacho. Estes últimos deveriam assemelhar-se aos chamados “cornadillos” de Castela, termo passível de ser traduzido como “chifrudinho” (“azores de dos maneras, unos como los de Castilla, y otros coronados, y estos deven de ser como los que dizen en Castilla, del cornadillo”). Talvez seja uma referência ao mocho-de-orelhas, *Otus scops* (Linnaeus, 1758), pequena coruja por vezes chamada de “cornichuela” e “cornachuela” em óbvia alusão às proeminentes penas do píleo (Bernis, 1994).

⁷⁸ De acordo com o sentido da frase, parece significar “alongado”.

⁷⁹ Ou seja, tinha as patas menores e o rabo mais curto.



Figura 13. Gerifalte (*Falco rusticolus*) segundo o “Retrato de um Gerifalte” de um mestre lombardo desconhecido (1540-1560). Oferecido em leilão pela Sotheby’s, Nova York, a 30 de janeiro de 2014.

Figure 13. Gyrfalcon (*Falco rusticolus*). “Portrait of a Gyrfalcon” by an unknown Lombard Master (1540-1560). Offered at public auction by Sotheby’s, New York, on January 30, 2014.



Figura 14. “Paisagem com Céfalos e Procris” de Denis van Alsloot e Hendrick de Clerck (1608). Kunsthistorisches Museum, Viena.

Figure 14. “Landscape with Cephalus and Procris” by Denis van Alsloot and Hendrick de Clerck (1608). Kunsthistorisches Museum, Wien.

que àquela do açor – ou seja, inferior a 28-30 cm – pois todos esses Accipitridae são um tanto rabilongos⁸⁰. Talvez se tratasse de um indivíduo jovem, contexto nada favorável a uma identificação substanciada.

Por outro lado, as fontes iconográficas não deixam dúvidas quanto à ocorrência desses gaviões de porte avantajado na Europa seiscentista, já que ao menos três composições do artista flamengo Denis van Alsloot ilustram um japacanim, *Spizaetus ornatus*. As primeiras foram executadas em co-autoria com Hendrick de Clerck, sendo denominadas como “Paisagem com Céfalos e Procris” (1608) e “Os Quatro Elementos” (1613). No ano de 1614, van Alsloot concluiria a “Paisagem da Floresta com Diana e Calisto” mostrando de novo essa ave de rapina (Figs. 14 a 19). Por volta de 1628, seria a vez de Philippe de Champaigne – pintor natural de Bruxelas radicado em Paris – representar um *Spizaetus ornatus* em “A Criança com um Falcão”, vistoso retrato da filha de Claude de Lorraine, Duque de Chevreuse e “Grand Fauconnier” da França⁸¹. Sem autor e data, uma cópia de qualidade sofrível foi leiloada pela Sotheby's de Londres a 1º de novembro de 2007 (Figs. 20 a 22).

Na tentativa de reconstituir alguns aspectos dignos de nota em torno das obras em questão, torna-se oportuno destacar que o casal formado pelo arquiduque austríaco Albrecht VII e Isabela Clara Eugenia, irmã de Felipe III e tia de Felipe IV, assumiria o governo dos Países Baixos Espanhóis em 1601⁸². Além de apreciar mascotes exóticos, os arquidukes Albrecht e Isabella demonstrariam nítido interesse na falcoaria, estimulando esse tipo de caça⁸³. Semelhante pendor ajudaria Albrecht a manter estreitos laços com Henrique IV de França – um apaixonado pela cetraria – propiciando intensa troca de correspondência e freqüentes remessas de rapineiras⁸⁴.

Mesmo depois de seu casamento, Isabela Clara Eugenia continuaria a receber animais dos reis de Espanha – fosse seu irmão ou sobrinho⁸⁵. Como a “Arte da Caça da Altanería” de Diogo Fernandes Ferreira atesta o envio de um “açor brasileiro” a Felipe III, não soa fora de propósito a possibilidade de uma rapace do Novo Mundo ter chegado às mãos da arquiduquesa através de sua parentela⁸⁶. Esta poderia ser a origem do *Spizaetus*



Figura 15. Japacanim (*Spizaetus ornatus*). Detalhe da “Paisagem com Céfalos e Procris” de Denis van Alsloot e Hendrick de Clerck (1608).

Figure 15. Ornate Hawk-eagle (*Spizaetus ornatus*). Detail of the “Landscape with Cephalus and Procris” by Denis van Alsloot and Hendrick de Clerck (1608).

ornatus figurado por Denis van Alsloot, o qual permaneceu a serviço da corte de Bruxelas desde 1599 até falecer em 1626⁸⁷. O quadro de Philippe de Champaigne, porém, sugere um gavião retratado na França, posto que está pousado na mão da filha do “Grand Fauconnier” – Anne-Marie de Chevreuse – aos cinco anos de idade⁸⁸. Albrecht VII talvez ofertasse uma ave desse tipo à corte parisiense mesmo após o assassinato de Henrique IV em 1610, pois desde muito jovem Luís XIII seguiu a trajetória paterna como ostensivo entusiasta da falcoaria⁸⁹. Ademais, tampouco deve ser esquecida a circunstância de os traficantes de pau-brasil – mormente da Normandia – manterem constante presença no litoral brasileiro desde o século XVI, isso sem considerar a tentativa de estabelecer uma colônia no Maranhão durante a regência de Maria de’ Medici. Na sua extensão máxima, o território sob a influência da “França Equinocial” se estenderia do litoral maranhense ao norte do atual estado de Tocantins e boa parte do Amapá⁹⁰.

costume prosseguiu após a morte do casal (Barrio, 2018). Vide nota 82.

87 Filho de um artesão de tapeçarias com o mesmo nome, Denis van Alsloot provavelmente nasceu em Bruxelas em torno de 1568. Nada se conhece sobre sua trajetória até 1593 e as informações posteriores são escassas. Em 1599, foi registrado pela Guilda de São Lucas como projetista de tapeçarias, chegando a orientar três aprendizes ao longo dos cinco anos seguintes. Entraria a serviço dos arquidukes Albrecht e Isabela em 1599-1600, mas só começou a pintar após 1606, não havendo notícia de nenhum quadro datado para antes de 1607 e depois de 1621. A julgar pela parca documentação existente, ainda vivia em 1625. Vide outros detalhes em Bernt (1969-1970), Cauteren (2016), Sprang (2014) e Wauters (1899).

88 Nascido em Bruxelas em 1602, Philippe de Champaigne pertencia a uma família muito pobre e parece nunca ter frequentado a corte dos arquidukes Albrecht e Isabela. Foi pupilo do paisagista Jacques Fouquier, terminando por fixar-se em Paris no ano de 1621. Contratado por Nicolas Poussin, sua carreira progrediu rapidamente sob a proteção de Maria de’ Medici, do cardeal Richelieu e do próprio Luís XIII, tendo sucedido Nicolas Duchesne como pintor da corte a partir de 1628. Membro fundador da Real Academia de Pintura e Escultura, faleceria na capital francesa em 1674. Para outros detalhes, vide Dorival (1952, 1976), Gonçalves (1995), Meunier (1924), Pericolo (2002) e Wright (1985).

89 Luís XIII assumiu efetivamente o trono em 1617, quatro anos antes da morte do arquiduque Albrecht. A volataria da França atingiria o apogeu durante sua época e já em 1616 a “fauconnerie royale” abrigava nada menos de 300 rapineiras divididas em seis equipes. Para maiores informações, vide Chamberlat (1986), Pieragnoli (2016), De Smet (2013) e Vassor (1757).

90 O tráfico de animais brasileiros promovido pelos franceses nos séculos XVI e XVII encontra-se bem demonstrado no episódio da “Pélerine”, talvez o caso de contrabando mais famoso de nossa história colonial. Com a discreta anuência da coroa e tendo como armador Bertrand d’Ornessan – Barão de Saint-Blancard e comandante da esquadra gaulesa no Mediterrâneo – a “Pélerine” deixaria Marselha em dezembro de 1530 com a missão de estabelecer uma praça-forte no Brasil. Foi capturada em setembro de 1531 ao largo de Málaga, Espanha,

80 Ao contrário de *Accipiter gentilis*, os representantes do gênero *Spizaetus* apresentam os tarsos emplumados. Embora evidente, esse atributo não impediria que Pero de Magalhães Gandavo comentasse haver uma sorte de “açores” no Brasil com “os pés todos vellosos, & tam cubertos de péna ç escassamente se lhes enxergam as unhas [...] sam muito ligeiros & de maravilha lhe escapa ave, ou qualquer outra caça a ç remetam” (Gandavo, 1576).

81 O título de “Grand Fauconnier” (literalmente “Grande Falcoeiro”) remonta a 1406 e refere-se ao alto oficial encarregado dos falcões e da organização das caçadas de volataria efetuadas pelo rei. Em 1622, Claude de Lorraine receberia tal honraria de Luís XIII, tendo ocupado o cargo até 1643 (Griselle, 1912).

82 Com a morte de Albrecht em 1621, Isabella seria designada governadora por seu sobrinho Felipe IV, exercendo o cargo até falecer em 1633.

83 Vide Coremans (1859), Donet (1890), Duerloo (2016) e Galesloot (1854).

84 Conforme Xivrey (1858).

85 Além de levar os animais que já possuía para Bruxelas, Isabela Clara Eugenia muitas vezes ganhava novos exemplares enviados pela corte espanhola, entre os quais papagaios, macacos e gatos-de-algália (Braga & Braga, 2015; Jiménez, 2011; Stols, 1998). Durante a visita feita a Lisboa em 23 de agosto de 1619, Felipe III teria o cuidado de reunir diversos presentes valiosos destinados à sua irmã, inclusive três papagaios, duas araras, seis pássaros-pretos, dois macaquinhos e um mico-leão, todos vindos do Brasil (Torquemada, 1991).

86 Vide Ferreira (1616). Por outro lado, a corte de Madri receberia anualmente certo número de falcões – em geral doze – enviados de Flandres pelos arquidukes Albrecht e Isabella. O



Figura 16. "Os Quatro Elementos" de Denis van Alsloot e Hendrick de Clerck (1613). Oferecido em leilão pela Sotheby's, Londres, a 5 de dezembro de 2007.
Figure 16. "The Four Elements" by Denis van Alsloot and Hendrick de Clerck (1613). Offered at public auction by Sotheby's, London, on December 5, 2007.



Figura 17. Japacanim (*Spizaetus ornatus*). Detalhe de "Os Quatro Elementos" de Denis van Alsloot e Hendrick de Clerck (1613).
Figure 17. Ornate Hawk-eagle (*Spizaetus ornatus*). Detail of "The Four Elements" by Denis van Alsloot and Hendrick de Clerck (1613).



Figura 18. “Paisagem da Floresta com Diana e Calisto” de Denis van Alsloot (1614). Oferecido em leilão pela Christie’s, Paris, a 25 de junho de 2019.
Figure 18. “Forest Landscape with Diana and Callisto” by Denis van Alsloot (1614). Offered at public auction by Christie’s, Paris, on June 25, 2019.



Figura 19. Japacanim (*Spizaetus ornatus*). Detalhe da “Paisagem da Floresta com Diana e Calisto” de Denis van Alsloot (1614).
Figure 19. Orate Hawk-eagle (*Spizaetus ornatus*). Detail of the “Forest Landscape with Diana and Callisto” by Denis van Alsloot (1614).

DISCUSSÃO

O estanco determinado pelas monarquias ibéricas abarcava mercadorias de origem animal como chifres de rinoceronte, marfim e cochonilha⁹¹. Em certas oportunidades, contudo, esse regime era estendido a exemplares vivos – caso dos gatos-de-algália produtores de uma desejada variedade de almíscar conhecida como “civeta”⁹². No entanto, não parece ter havido maiores restrições quanto ao comércio de várias aves e mamíferos como grouns, pavões, papagaios, antílopes, macacos e felinos – exceto pelo inevitável pagamento dos impostos devidos

levando cerca de 300 toneladas de pau-brasil, 3.000 peles de “leopardos”, 600 papagaios e 300 macacos, entre outros itens. Para detalhes adicionais, vide Teixeira & Papavero (2010, 2014).

91 Vide Dias (1960), Godinho (2008), Greenfield (2005), Padilla & Anderson, (2015), Santos (2017) e Santos *et al.* (2018).

92 No século X, os gatos-de-algália (Carnivora, Viverridae) já eram objeto de um amplo comércio envolvendo a secreção de pungente odor almíscarado produzida pelas glândulas anais de espécies pertencentes aos gêneros *Viverra*, *Civettictis* e *Viverricula*. Muito utilizado na perfumaria e medicina, esse fluido espesso de colorido amarelado chegou ao conhecimento dos europeus por volta de 1450, mas só tornou-se de fato acessível com as navegações portuguesas no litoral africano. Como a extração não implicava na morte do animal e podia ser repetida periodicamente, o monopólio real era exercido inclusive sobre os espécimes vivos mantidos em cativeiro. Em 1469, ao obter do rei Afonso V o arrendamento de todos os “negócios da Guiné” durante um quinquênio, o abastado burguês lisboeta Fernão Gomes viu-se impedido de traficar gatos-de-algália, os quais passaram a constituir um bem exclusivo da coroa a partir de 19 de outubro de 1470. No decurso de seu contrato, porém, Fernão Gomes estava autorizado a resgatar um desses carnívoros a cada ano, direito visto como “grande privilégio de muito proveito”. Para outros detalhes, vide Dannenfeldt (1985), Godinho (2008), Oliveira Martins (1891) e Ramos Coelho (1892).



Figura 20. "A Criança com um Falcão" de Phillipe de Champaigne (ca. 1628). Musée du Louvre, Paris.
Figure 20. "Child with a Falcon" by Phillipe de Champaigne (ca. 1628). Musée du Louvre, Paris.



Figura 21. Japacanim (*Spizaetus ornatus*). Detalhe de “A Criança com um Falcão” de Philippe de Champaigne (ca. 1628).

Figure 21. Ornate Hawk-eagle (*Spizaetus ornatus*). Detail of the “Child with a Falcon” by Philippe de Champaigne (ca. 1628).

à coroa. Os documentos consultados acusam a existência de transações capazes de envolver toda a hierarquia de bordo e movimentar uma quantidade considerável de espécimens⁹³. No primeiro quartel do século XVI, o número de psitácidas procedentes do Novo Mundo já havia crescido tanto que o cronista Gonzalo Fernández de Oviedo se recusaria a descrevê-los por serem demasiado comuns na Espanha, “não valendo a pena perder tempo falando neles”⁹⁴. A julgar pela narrativa do médico Nicolás Monardes, por volta de 1565 chegariam anualmente a Sevilha quase cem naus trazendo diferentes elementos da fauna das “Índias”⁹⁵.

Entre a descoberta da América e a morte de Fernando de Aragão (1492-1516), a coroa espanhola buscava exercer um virtual monopólio sobre as rapineiras neotropicais, iniciativa fortalecida pela nomeação – em 29 de setembro de 1501 – do contínuo Álvaro Pérez de Meneses para o posto de “Redero Mayor de las Indias” criado nes-

sa mesma ocasião⁹⁶ (Fig. 23). O novo funcionário deveria coordenar a captura dos “falcões e quaisquer outras aves” com a prerrogativa de apossar-se de todas que julgasse adequadas ao serviço real. A Nicolás de Ovando – Comendador de Lares e Governador Geral das Índias – caberia suprir os fundos necessários a tais aquisições e outras despesas, inclusive aquelas relativas ao confisco das galinhas empregadas no sustento desse plantel⁹⁷. Transcorrida pouco mais de uma década, o cargo passaria a refletir a expansão dos domínios hispânicos, havendo uma Real Cédula – datada de 5 de setembro de 1513 – indicando Juan de Albornoz como “Redero Mayor” dentro dos limites territoriais de Castela do Ouro⁹⁸.

A partir de 1503, o propósito de gerir semelhante tráfico ver-se-ia reforçado pela obrigação de todas as rapineiras destinadas à corte – em particular aquelas vindas nas frotas das Índias – serem entregues à recém criada Casa de Contratação em Sevilha, a qual caberia o pagamento dos gastos pendentes e o encaminhamento dos exemplares⁹⁹. Na verdade, o peculiar sistema de controle instituído por Fernando de Aragão levaria o Estado espanhol a desempenhar um papel proeminente na captura, manutenção e transporte de rapaces neotropicais – arranjo sem paralelo em Portugal e boa parte da Europa quinhentista¹⁰⁰. Após a ascensão dos Habsburgos ao trono, o ofício de “redero” sobreviveria nas possessões americanas e a Casa de Contratação continuaria recebendo aves de rapina do Novo Mundo¹⁰¹, mas as regras antes impostas parecem ter abrandado o suficiente para

96 A articulação desse peculiar monopólio foi destacada por Salinas de Alonso (2013), que fornece vários detalhes pertinentes sobre o assunto. Sobre o significado de “redero”, vide nota 7.

97 “Por haser merced a vos, Alvaro Peres de Meneses contino de mi casa: Acatando los muchos e buenos servicios que me avedes, fecho por la presente lo hago merced que seays mi redero mayor em las Yndias, vos o quien vuestro poder ovieren, para que podays tomar halcones o otras aves qualesquier en las dichas Yndias, e gozeys de las libertades de que gozan los otros nuestros oficiales que van a las dichas Yndias, que todos los halcones que otras qualesquier personas tomaren en las dichas Yndias, los trayan ante vos para que tomeys d’ellos los que vierdes ser tales para mi servicio, e se les paguen por ellos los maravedises que allá valieren, que por esta mi cédula mando al comendador de Lares, mi governador de las dichas Yndias, que asy lo haga guardar e cumplir, e haga pagar de nuestras haciendas de las dichas Yndias los maravedises que costaren los dichos halcones e lo que fuere menester para su mantenimiento, en el tiempo que estovieren en vuestro poder, hasta que me los embieys a mi corte, e vos dexen e consientan tomar los dichos halcones a vos o a quien vuestro poder ovieren en qualesquier partes de las dichas Yndias que vos quisierdes, e asimismo podays tomar para los dichos halcones las gallinas que fueren menester de las personas que en las dichas Yndias estovieren, pagándoles por cada una d’ellas lo que al dicho mi governador pareciere que sea justo, e los unos ni los otros non fagades ni hagan ende al por alguna manera, so pena de X. para mi cámara. Fecha en Granada, a XXIX de setiembre de MDI años” (in Rubio, 2013). Vide também Caballos (2014), Rueda (2018a) e Salinas de Alonso (2011, 2013).

98 Vide Herrera y Tordesillas (1601-1615) e Salinas de Alonso (2011, 2013).

99 As anotações de Sancho de Matienzo, o primeiro tesoureiro da Casa de Contratação, registram várias dessas transações e apontam, por exemplo, que apenas os cuidados e transporte de oito falcões chegados das Índias para Fernando de Aragão custaram 7.000 maravedis no ano de 1509 (Salinas de Alonso, 2011).

100 No século XVI, tanto o Reino da Dinamarca-Noruega – que tinha a Islândia entre as suas possessões – quanto o Czarato da Rússia buscariam estabelecer forte controle sobre a captura e comércio dos gerifaltes. Para maiores detalhes, consulte-se Lie (2018), Mehler *et al.* (2018), Potapov & Sale (2005) e Shergalin (2011). Vide nota 70.

101 Os doze “nebris” recebidos por Carlos V em 1525 teriam sido enviados pelos oficiais do reino lotados em Hispaniola, não havendo referência explícita a um “redero mayor”. No ano seguinte, o soberano iria negar o pleito dos “rederos” ativos em Santo Domingo, os quais pretendiam receber um salário por seus serviços – direito reconhecido para o “redero mayor” na época de Fernando de Aragão – ao invés de cobrar por ave capturada. Conforme demonstram as anotações do tesoureiro Sancho de Matienzo, a Casa de Contratação das Índias continuaria a centralizar as despesas relativas à aquisição de rapineiras do Novo e Velho Mundo durante o domínio dos Habsburgos. Vide detalhes em Salinas de Alonso (2011, 2013) e na

93 Vide Braga & Braga (2015), Gorgas (1997), Lach (1970) e Teixeira & Papavero (2010).

94 Vide Oviedo y Valdés (1526).

95 “Traen de aquellas partes, así mismo, papagayos, monos, griphos, leones, gerifaltes, neblies, açores, tigres, lana, algodón, grana para teñir, cueros, açucares, cobre, brasil, ebano, azul, y de todo esto es tanta cantidad, que vienem cada año casi cien naos cargadas de ello, que es cosa grande & riqueza increyble” (Monardes, 1565). Vide também Oviedo y Valdés (1526).



Figura 22. “Retrato de Anne-Marie de Chevreuse”, quadro de autor e data desconhecidos calcado em “A Criança com um Falcão” de Phillipe de Champaigne (ca. 1628). Oferecido em leilão pela Sotheby’s, Londres, a 1º de novembro de 2007.

Figure 22. “Portrait of Anne-Marie de Chevreuse” by an unknown artist (no date). Based in the “Child with a Falcon” by Phillipe de Champaigne (ca. 1628). Offered at public auction by Sotheby’s, London, on November 1, 2007.

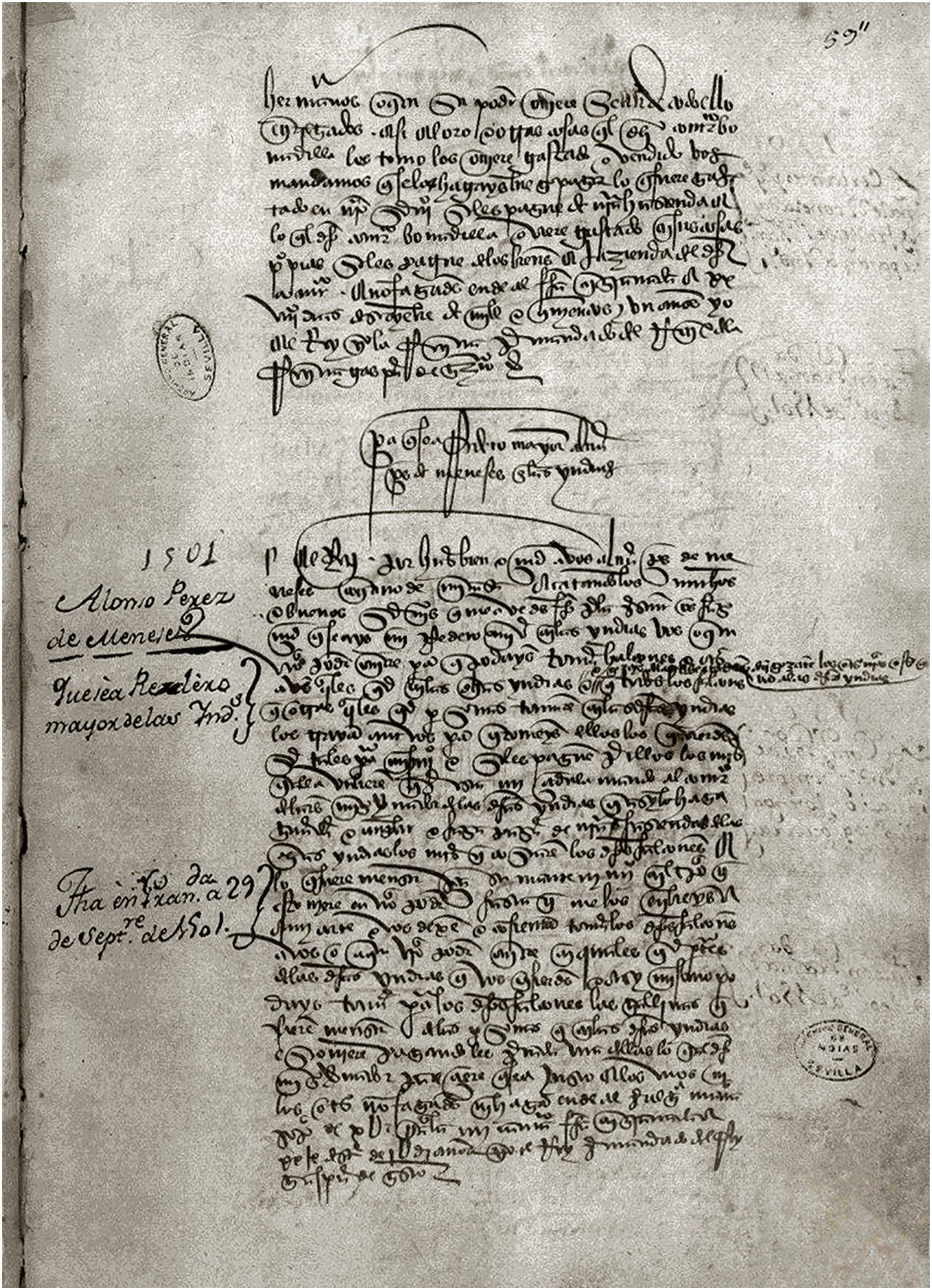


Figura 23. Nomeação de Álvaro Pérez de Meneses para o posto de "Redero Mayor de las Indias", 29 de setembro de 1501. Archivo General de Indias, Sevilla.
 Figure 23. Designation of Álvaro Pérez de Meneses as "Redero Mayor de las Indias" (September 29, 1501). Archivo General de Indias, Seville.



Figura 24. O “Índio Caçador” segundo o manuscrito da “Primera Nueva Coronica y Buen Gobierno” de Felipe Guaman Poma de Ayala (ca. 1615-1616). Det Kongelige Bibliotek, Copenhagen.

Figure 24. The “Indian Hunter”. Detail of the manuscript “Primera Nueva Coronica y Buen Gobierno” by Felipe Guaman Poma de Ayala (ca. 1615-1616). Det Kongelige Bibliotek, Copenhagen.

ampliar o círculo de proprietários, mesmo se considerarmos os altos custos como um obstáculo efetivo. Em 1580, um dos aletos adquiridos pelo embaixador Hans Khevenhüller estava nas mãos de um conselheiro municipal – instância menor de poder – que só consumiria a venda mediante ameaças e o já referido pagamento da exorbitante quantia de 34.000 maravedis¹⁰².

Torna-se difícil avaliar quantas aves de rapina teriam sido enviadas para a Europa no decurso dos séculos XVI e XVII, mas as informações disponíveis registram o embarque simultâneo de dezenas em um único navio. As demandas eram elevadas e os doze “nebris” encaminhados a Carlos V em 1525 estavam longe de satisfazer as expectativas do soberano, o qual ordenara a remessa de cinquenta falcões da Nova Espanha e uns tantos de Hispaniola a cada ano. Embora a volataria se mostrasse cada vez mais decadente nos países ibéricos, o despacho de rapineiras do Novo Mundo continuaria ocorrendo e há notícia – datada de setembro de 1700 – de sessenta e nove falcões terem seguido juntos do Peru “para sua Majestade [Carlos II] que várias vezes mandou que os levassem para sua real caça”¹⁰³.

Uma fração nada desprezível dessas aves deveria sucumbir ou enfermar durante o trajeto. Na “Arte da Caça da Altanería” de 1616, Diogo Fernandes Ferreira adverte a respeito de os “nebris” do ultramar “virem doentes por não serem tratados como se estivessem em terra”. Em 1624, Geronimo de Huerta alertaria sobre a necessidade de os aletos terem sempre “carnes frescas ao ponto de não terem perdido de todo seu calor natural”, recomendação difícil de acatar considerando a realidade das viagens transoceânicas da época¹⁰⁴. Com efeito, em carta dirigida ao imperador Rudolph II, o embaixador Hans Khevenhüller informaria que dos três aletos trazidos pela frota das Índias no ano de 1580, um havia morrido ao chegar e o outro encontrava-se paralisado¹⁰⁵. Perdas de tal magnitude talvez expliquem a escassez de espécimens – o próprio Felipe II

possuía apenas cinco deles em meados de 1598¹⁰⁶. Apesar dos laços familiares com os Habsburgos da Espanha e de haver posto o diligente Khevenhüller no encalço dos ambicionados aletos desde o final de 1578, o desejo de Rudolph II tardaria anos até cumprir-se, uma vez que os quatro primeiros falcões desse tipo vistos em sua corte foram negociados em 1580 e recebidos em 1581¹⁰⁷.

Os eventuais impactos do tráfico de aves de presa permanecem desconhecidos, malgrado seja plausível indagar se algumas populações não terminariam sendo afetadas por sucessivas capturas. Também havia exigências locais a atender em razão de os colonizadores praticarem a cetraria no Novo Mundo e a caça com o auxílio de rapineiras ganhar espaço entre certas culturas nativas pelo menos desde o início do século XVII¹⁰⁸ (Fig. 24). Tal como já foi amplamente comprovado em relação a vários grupos zoológicos no Neotrópico, os relatos existentes sugerem a forte possibilidade de distintos representantes dos Falconidae e Accipitridae terem sido bem mais numerosos ao longo do período colonial, pois antes era factível remeter diversos *Falco peregrinus* de Hispaniola, enquanto hoje a espécie é considerada incomum ou rara para todo o Caribe¹⁰⁹. Nesse sentido, vale lembrar que o comércio dos *Accipiter gentilis* procedentes da Irlanda – bastante ativo desde a Idade Média – parece ter desempenhado um papel crucial no declínio desses gaviões, os quais acabariam por desaparecer da ilha por volta de 1800¹¹⁰.

CONFLITOS DE INTERESSE: O autor declara não haver conflitos de interesse.

INFORMAÇÕES DE FINANCIAMENTO: Este projeto não usou nenhum apoio financeiro externo.

documentação dos arquivos espanhóis disponível em: <http://pares.mcu.es/ParesBusqueda20/catalogo/find?idAut=103477&archivo=10&tipoAsocAut=1&nomAut=Halcones>.

102 Conforme Haupt *et al.* (1990). Embora certos autores tratem a posse de aletos como uma prerrogativa dos Habsburgos (e.g. Gschwend, 2015a, 2018; Pérez de Tudela & Gschwend, 2001, 2007), fato é que o embaixador Khevenhüller teve de disputar algumas das aves disponíveis com outros interessados. Em 1580, os dois exemplares pertencentes a Dom Antônio, Prior do Crato, também eram pretendidos por Pietro de' Medici, o perulário filho mais novo de Cosimo I de' Medici, Grão-Duque da Toscana (Haupt *et al.*, *op. cit.*). Em dezembro de 1587, durante o reinado de Felipe II, o Cardeal Rodrigo de Castro Osório, Arcebispo de Sevilha, enviaria seis aletos para Ferdinando I de' Medici – sucessor de Cosimo I – o qual compartilhava sua paixão pela cetraria. Vinte anos mais tarde, em fevereiro de 1607, o mercador Luigi Federighi receberia a encomenda de aves e plantas medicinais da Nova Espanha feita por Belisario Vinta, ministro de estado de Ferdinando I. Entretanto, as desejadas “aves de caça” das “Índias do poente” só chegariam ao seu destino em novembro de 1609, no início do governo de Cosimo II de' Medici (Brege, 2021; Groom, 2018). Vide notas 105 e 106.

103 Vide Firbas & Garrido (2017), Herrera y Tordesillas (1601-1615) e Salinas de Alonso (2011, 2013). Para o frei agostiniano Antonio de la Calancha (1639), no Peru estariam os “los mejores alcones del mundo, que piden nuestros Reyes a sus Gobernadores, i los que llegan a España son la estimacion de Europa”.

104 Vide Ferreira (1616) e Huerta (1624).

105 Conforme Haupt *et al.* (1990). O transporte e aclimação na Europa também cobraria o seu preço a essas rapineiras. De fato, em carta escrita a 24 de novembro de 1604, um agente dos Médici chamado Raffaello Romena relataria que apenas duas das cinco “aves de caça” das “Índias do poente” enviadas para o Grão-Duque de Toscana teriam sobrevivido à viagem entre Cádiz e Livorno (Brege, 2021). Essas rapineiras haviam sido obtidas por Luigi Federighi, grande armador florentino profundamente envolvido com o comércio do Novo Mundo (Fuentes, 1997; Roldán, 1989). Vide nota 102.

106 Vide nota 63. Reconhecida por autores como Charles d'Arcussia (1605, 1615, 1627, 1643, 1644) e Diogo Fernandes Ferreira (1616), a propalada raridade desses falcões do Novo Mundo também encontra certo respaldo no fato de Felipe IV – em março de 1653 – ter apresentado Juan José de Áustria, seu filho natural, com dois gerifaltes, dois “nebris”, dois “bornis” e um único aleta (Barrio, 2018). Em contraste, o Cardeal Rodrigo de Castro Osório, Arcebispo de Sevilha, enviaria seis aletos para Ferdinando I de' Medici no ano de 1587 (vide nota 102). O testemunho do “Inca” Garcilaso de la Vega (1609) a esse respeito revela-se contraditório, pois uma dada passagem dos “Comentarios Reales” trata dos muitos aletos trazidos para a Espanha (“halconillos de los que, por ser tan lindos, han traído muchos a España, y en ella les llaman aletos”), enquanto outra limita-se a registrar alguns exemplares no reino (“de los pequeños he visto por acá algunos, que los han traído y los estiman en mucho”).

107 Sobre o marcado interesse dos Habsburgos da Europa Central pelos aletos, consulte-se Haupt *et al.* (1990), Pérez de Tudela & Gschwend (2001) e Staudinger (1993).

108 Entre outros comentários, Garcilaso de la Vega (1609) falaria sobre sua própria experiência de sair a campo com os “falcõezinhos” do Peru (“nos íbamos a caza con los halconillos de aquella tierra que nuestros indios cazadores nos criaban”), além de mencionar nativos empregando falcões e cachorros com o mesmo fim, prática figurada na obra de Felipe Guaman Poma de Ayala (1980). Por volta de 1614, entretanto, Alonso González de Nájera escreveria que os indígenas do Chile abatiam as perdzices com o auxílio de cães, enquanto os espanhóis usavam “halconillos aletos” (González de Nájera, 2017). Sobre a questão da falcoaria ter existido nas Américas em tempos pré-colombianos, vide Rueda (2006, 2018b).

109 *Falco peregrinus* aparece com regularidade no Caribe durante suas migrações, mas não é visto atualmente como uma espécie comum na região (Gallardo & Thorstrom, 2019; Raffaele *et al.*, 2020; White *et al.*, 2020).

110 Vide d'Arcy (1999), Jameson (2013) e O'Broin (1992). A proclamada excelência dos açores ibéricos (teste Tuberville, 1575) levaria a um tráfico muito intenso com aspectos por vezes surpreendentes. De fato, no “Libro de Acetrería y Montería”, obra concluída em agosto de 1556, Juan de Vallés elogia a qualidade dos gaviões dessa espécie vindos do norte da Europa e informa que “un Rey de Navarra, llamado Dom Carlos” – houve três com este nome entre 1294 e 1425 – “hizo traer de Irlanda muchos açores y los mandó soltar en las montañas de Navarra para que criassem en nellas, y assí criaron y hizieron mucha casta [...] al fin son los mejores de España” (Vallés, 1994).

AGRADECIMENTOS: Nossos agradecimentos a Nelson Papavero (Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo) pela leitura crítica do original e a Eddy Stols (Université Catholique de Louvain) pelas relevantes indicações bibliográficas. Ademais, cumpre ressaltar o imprescindível auxílio prestado por Guido Barbieri Bittencourt, Valeria Barbieri e Thomas de Vries Albertin na obtenção de algumas publicações consultadas.

REFERÊNCIAS

- Aldrovandi, U. 1599. *Ornithologiae hoc est de avibus historiae Libri XII*. Bononiae, Francisci de Franciscis Senensis.
- Allsen, T.T. 2006. *The royal hunt in Eurasian history*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Almaça, C. 1997. Falconers: the first Portuguese naturalists. *Archives of Natural History*, London, 24(2): 175-187.
- Alonso de Orozco, Frei. 1544. *Comiença el libro llamado Vergel de oracion y monte de contemplacion*. Seuilla, Anton[io] Aluarez.
- Antonio de la Calancha, Frei. 1639. *Coronica Moralizada del Orden de San Avgstin en el Perv, con svcesos egenplares vistos en esta monarquia*. Barcelona, Pedro Lacavalleria.
- Anônimo. 1867. *Índices e summaries dos livros e documentos mais antigos e importantes do Archivo da Camara Municipal de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Aranda, J.C. 2002. *Soltando pihuelas: conocimiento y practica de la cetreria*. Madrid, Càirel Ediciones.
- Arbel, L. 1900. Notice sur l'aëthe. *Ornis*, Paris, 11: 233-235.
- Argote de Molina, G. 1582. *Libro de la Monteria que mando escrivir el myv alto y myv poderoso Rey Don Alonso de Castilla, y de Leon, Vltimo deste nombre*. Sevilla, Andrea Pescioni.
- Armas y Céspedes, J.I. de. 1888. *La Zoologia de Colón y de los primeros exploradores de América*. Habana, Establecimiento Tipográfico.
- Arroyo, F.L. 2014. El gremio de la caza de volatería en tiempos de Felipe IV. In: D'Alessandro, L.; Arroyo, F.L. & Rossi, P. (Ed.). *Siti Reali in Europa: una storia del territorio tra Madrid e Napoli*. Roma, Università degli Studi Suor Orsola Benincasa-Fondazione Mediterranea. p. 98-118.
- Baars-Klinkenberg, G. van & Wattel, J. 1964. Merlin (*Falco columbarius*) from Bahia, Brazil. *Ardea*, Amsterdam, 52 (3/4): 225-226.
- Baêna, M.S. & Bravo, J.M. 1998. *Oito séculos de caça em Portugal*. Lisboa, Grupo BPI.
- Baist, G. 1880. *Juan Manuel: el Libro dela Caza*. Halle, Max Niemeyer.
- Barrio, A.P. 2018. Halconeros y halcones reales. *Revista de Folklore*, Valladolid, 435: 25-30.
- Bartosiewicz, L. 2012. Show me your hawk, I'll tell you who you are. In: Raemaekers, D.C.M.; Esser, E.; Lauwerier, R.C.G.M. & Zeiler, J.T. (Ed.). *A bouquet of Archaeozoological studies: essays in honour of Wietske Prummel*. Groningen, Bakhuis & University of Goeningen. p. 179-187.
- Beebe, F.L. 1992. *The complete falconer*. Surrey, Hancock House Publishers.
- Belis, W. 2015. La chasse em Provence: synthèse bibliographique. *Faune et Nature*, Hyères-les-Palmiers, 49: 6-123.
- Belon, P. 1555. *L'histoire de la nature des oyseaux avec levr descriptions & naïfs portraits retirez dv natvrel*. Paris, Gilles Corrozet.
- Belvallette, A. 1903. *Traité de fauconnerie et d'autourserie suivi d'un étude sur la pêche au comoran*. Évreux, Charles Hérissey.
- Bernadino de Sahagún, Frei. 1938. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Mexico DF, Editorial Pedro Robredo.
- Bernis, F. 1994. *Diccionario de nombres vernáculos de aves*. Madrid, Gredos.
- Bernt, W. 1969-1970. *The Netherlandish painters of the seventeenth century*. London, Phaidon Press.
- Bildstein, K.L. 2004. Raptor migration in the Neotropics: patterns, processes, and consequences. *Ornitologia Neotropical*, Columbus, 15 (supplement): 83-99.
- Bonciani, R.F. 2010a. A disputa por gentios e escravos no Atlântico Sul (1600-1615). In: Medina, D.L. & Estrada, K.M. (Org.). *Corporaciones religiosas y evangelización en Iberoamérica. Siglos XVI-XVIII*. Lima, Universidad Mayor de San Marcos. p. 31-68.
- Bonciani, R.F. 2010b. *O Dominum sobre os indígenas e africanos e a especificidade da soberania régia no Atlântico: da colonização das ilhas à política ultramarina de Felipe III*. São Paulo: Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Borge, I.A. 2008. *Cambios y alianzas: la política regia en la frontera del Ebro en el reinado de Alfonso VIII de Castilla (1158-1214)*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Braga, I.D. & Braga, P.D. 2015. *Animais e companhia na história de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- Brege, B. 2021. *Tuskany in the age of empire*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.
- Buffon, G.L. Leclerc, Comte de. 1770-1786. *Histoire naturelle des oiseaux*. Paris, Imprimerie Royale.
- Bugalho, J.F.F. 1970. *Aves de rapina de Portugal: sua utilidade, identificação de campo*. Lisboa, Secretaria do Estado da Agricultura.
- Bukovinská, B. 2005. The known and unknow Kunstammer of Rudolph II. In: Schramm, H.; Schwarte, L. & Lazardzig, J., *Collection, laboratory, theatre: scenes of knowledge in the 17th century*. Berlin, Walter de Gruyter. p. 199-227.
- Buquet, T. 2021. The gyrfalcon in the Middle Ages, an exotic bird of prey (Western Europe and Near East). In: Burnett, C. & Van der Abeele, B. *Falconry in the Mediterranean context during the Pre-Modern Era*. Genève, Librairie Droz. p. 79-98.
- Caballos, E.M. 2014. *La gran armada colonizadora de Nicolás de Ovando 1501-1502*. Santo Domingo, Academia Dominicana de la Historia.
- Cachón, I.R. 2013. *El Libro de cetrería de Luis de Zapata: estudio y edición crítica*. Valladolid: Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Literatura Española y Teoría de Literatura y Literatura Comparada, Universidad de Valladolid.
- Cade, T. 1982. *Falcons of the world*. Ithaca & New York, Comstock & Cornell University Press.
- Cauteren, K. van. 2016. *Politics as painting: Hendrick de Clerck (1560-1630) and the Archducal enterprise of Empire*. Tielt, Lannoo Publishers.
- Chamerlat, C.A. de. 1986. *La fauconnerie et l'art*. Paris, ACR Édition.
- Cieza de León, P. de. 1553. *Parte Primeira dela chronica del Peru*. Seuilla, Martin de Montesdoca.
- Cobarruvias Orozco, S. de. 1611. *Tesoro de la lengva castellana o española*. Madrid, Luis Sanchez.
- Coremans, V.A.J.M. 1859. Le faucon: notes et idees. *Revue d'Histoire et d'Archéologie*, Bruxelles, 1: 91-101.
- Correia, F. & Pereira, A. 2011. A falcoaria em Portugal à luz de princípios universais. *Agroforum*, Castelo Branco, 27: 21-31.
- Correia, J.M. 1964. Algumas notícias da Real Falcoaria de Salvaterra de Magos. *Caça e tiro ao voo*, Lisboa, 1(2): 10-13.
- Correia, J.M. & Guedes, N.B. 2018. *O Paço Real de Salvaterra de Magos – A Corte, a Ópera, a Falcoaria*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Cortes, G. 1613. *Libro y tratado de los animales terrestres y volatiles, con la historia y propiedades delllos*. Valencia, Iuan Chrysostomo Garriz.
- Crescenzi, P. de. 1471. *Liber Ruralium Commodorum*. Augustensem, Iohanne Schussler Impressi.

- Crespo, C. 1999. *A arte da falcoaria*. Lisboa, Edições Inapa.
- Cubillo, J.C.G. 1986. *La arte de cetrería en la naturaleza*. Madrid, Cáirel Ediciones.
- Dannenfeldt, K.H. 1985. Europe discovers civet cats and civet. *Journal of the History of Biology*, Cambridge, 18(3): 403-431.
- D'Arcussia, C. 1599. *La Favconnerie*. Paris, Jean Hovzé.
- D'Arcussia, C. 1605. *La Favconnerie*. Paris, Jean Hovzé.
- D'Arcussia, C. 1615. *La Favconnerie*. Paris, Jean Hovzé.
- D'Arcussia, C. 1617. *Falconaria, das ist, eigentlicher Bericht und Anleytung wie man mit Falcken und andern Weydtvögeln beitzen soll*. Frankfurt am Main, Nicolaum Hoffman.
- D'Arcussia, C. 1627. *La Favconnerie*. Paris, Jean Hovzé.
- D'Arcussia, C. 1643. *La Favconnerie*. Rouen, François Vavltier & Jacques Besongne.
- D'Arcussia, C. 1644. *La Favconnerie*. Rouen, François Vavltier & Jacques Besongne.
- D'Arcussia, C. 1883. *La conférence des fauconiers*. Paris, Librairie des Bibliophiles.
- D'Arcy, G. 1999. *Ireland's lost birds*. Dublin, Four Courts Press.
- D'Aubusson, L.M. 1879. *La fauconnerie au Moyen Age et dans les Temps Modernes*. Paris, Auguste Gho.
- De Smet, I.A.R. de. 2013. *La fauconnerie à la Renaissance: le Hieracosophion (1582-1584) de Jacques Auguste de Thou*. Genève, Librairie Droz.
- De Smet, I.A.R. 2018. Princess of the North: perceptions of the gyrfalcon in 16th-century western Europe. In: Gersemann, K.H. & Grimm, O. (Ed.). *Raptor and human – falconry and bird symbolism throughout the millennia on a global scale*. Schleswig, Centre for Baltic and Scandinavian Archeology. p. 1543-1569.
- Delgado, L.A. 2014. Motivaciones simbólicas y materiales en la apropiación de aves de cetrería en la temprana Edad Moderna. *Clio & Crimen*, Durango, 11: 53-78.
- Dias, M.N. 1960. Organização da rota atlântica do ouro da Mina e os mecanismos dos resgates. *Revista de História*, São Paulo, 21(44): 369-398.
- Díaz, J.A.L. 1981. Notas para el estudio de los precios y salarios en Granada (1492-1502). *Chronica Nova*, Granada, 12: 103-126.
- Diderot, D. & d'Alembert, R. (Ed.). 1751-1765. *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par une Société de Gens de Lettres*. Paris, Briasson et al.
- Donet, F. 1890. La fauconnerie a Anvers. *Bulletin Académie d'Archéologie de Belgique*, Anvers, 4(2): 943-957.
- Dorival, B. 1952. *Philippe de Champagne*. Paris, Éditions des Musées Nationaux.
- Dorival, B. 1976. *Philippe de Champagne, 1602-1674: la vie, l'œuvre, et le catalogue raisonné de l'œuvre*. Paris, Léonce Laget.
- Duerloo, L. 2016. The Hunt in the Performance of Archducal Rule: Endurance and Revival in the Habsburg Netherlands in the Early Seventeenth Century. *Renaissance Quarterly*, Cambridge, 69(1): 116-154.
- Dussen, A. van der. 1947. *Relatório sobre as capitãncias conquistadas pelos holandeses (1639): suas condições econômicas e sociais*. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Alcool.
- Enamorado, V.M. 2011. Falcons and falconry in Al-Andalus. *Studia Orientalia*, Helsinki, 111: 159-183.
- Ferguson-Lees, J. & Christie, D.A. 2001. *Raptors of the world*. London, Christopher Helm.
- Ferreira, D.F. 1616. *Arte da Caça da Altanería*. Lisboa, Jorge Rodriguez.
- Firbas, P. & Garrido, J.A.R. (Ed.). 2017. *Diario de noticias sobresalientes en Lima y noticias de Europa (1700-1711)*. New York, Instituto de Estudios Auriseculares. Volume 1: 1700-1705.
- Floranes y Robles, R. de. 1890. *Aves de caza*. Madrid, Oficina Tipográfica de Ricardo Fé.
- Fox, N. 2003. *Comprender al ave de presa*. Madrid, Cáirel Ediciones.
- Freeman, G. & Salvin, F.H. 1859. *Falconry: its claims, history and practice*. London, Longman et al.
- Fuentes, L.G. 1997. *Los peruleros y el comercio de Sevilla con las Indias 1580-1630*. Sevilla, Universidad de Sevilla.
- Galesloot, A.L. 1854. *Recherches historiques sur la maison de chasse des ducs de Brabant et de l'ancienne cour de Bruxelles, précédées d'un aperçu sur l'ancien droit de chasse en Brabant*. Bruxelles & Leipzig, Kiessling, Schnee et C^e.
- Gallardo, J.C. & Thorstrom, R. 2019. Status and conservation of the raptors in the West Indies: a review. *Caribbean Naturalist*, Steuben, (Special Issue2): 90-134.
- Gandavo, P. de M. 1576. *Historia da prouincia sãcta Cruz a qui vulgarmête chamamos Brasil*. Lisboa, Officina de Antonio Gonsaluez.
- García, B.E.C. & Hartman, A. 2007. *Ars Accipitraria: an essential dictionary for the practice of falconry and hawking*. London, Yarak Publishing.
- Gerbi, A. 1975. *La natura delle Indie nove (Da Cristoforo Colombo a Gonzalo Fernández de Oviedo)*. Milano & Napoli, Riccardo Ricciardi.
- Godinho, V.M. 2008. *A expansão quatrocentista portuguesa*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Gómez, P.T. 2002. *Realidade social y situación femenina en el Madrid del siglo XVII*. Madrid: Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em História, Departamento de Historia Moderna, Universidad Complutense de Madrid.
- Gonçalves, J. 1995. *Philippe de Champagne, le patriarche de la peinture (1602-1674)*. Paris, ACR Édition.
- González de Nájera, A. 2017. *Desengaño y reparo de la guerra del Reino de Chile*. Santiago, Editorial Universitaria.
- Gorgas, M. 1997. Animal trade between India and western Eurasia in the sixteenth century – the role of the Fuggers in animal trading. In: Mathew, K.S. (Ed.). *Indo-Portuguese trade and the Fuggers of Germany: sixteenth century*. New Delhi, Manohar Publishers. p. 195-225.
- Greenfield, A.B. 2005. *A perfect red: empire, espionage, and the quest for the color of desire*. New York, Harper Collins.
- Griselle, E. 1912. *Écurie, vénerie, fauconnerie et louveterie du Roi Louis XIII*. Paris, Éditions de Documents d'Histoire.
- Groom, A. 2018. *Exotic animals in the art and culture of the Medici court in Florence*. Leiden, Brill.
- Grueso, M.F. 2006. *Villar de Cañas: situación socioeconómica en el siglo XVI*. Ayuntamiento de Villar de Cañas. Disponível em: <https://www.villardecanas.es/gonz3/socioeconomica.htm>. Acesso em: 20/01/2021.
- Gschwend, A.J. 2015a. Geliebte Gefährten, Maskottchen und Haustiere. Die Haltung wilder Tiere im Portugal der Renaissance. In: Haag, S. (Ed.). *Echt tierisch! Die Menagerie des Fürsten*. Wien, Kunsthistorisches Museum. p. 11-23.
- Gschwend, A.J. 2015b. "[...] unterlasse auch nit mich in Portugal vnnd ander orten umb frömbde sachen zu bewerben". Hans Khevenhüller und die Menagerien der Habsburger in Wien und Prag. In: Haag, S. (Ed.). *Echt tierisch! Die Menagerie des Fürsten*. Wien, Kunsthistorisches Museum. p. 25-35.
- Gschwend, A.J. 2018. The Emperor's exotic and New World animals: Hans Khevenhüller and the Habsburg Menageries in Vienna and Prague. In: MacGregor, A. (Ed.). *Naturalists in the field: collecting, recording and preserving the Natural World from the fifteenth to the twenty-first century*. Leiden, Brill. p. 76-103.
- Guaman Poma de Ayala, F. 1980. *El primer nueva coronica y buen gobierno*. México DF, Siglo XXI Editores.
- Guerrero, M.M.L. 2007. Pasajeros del segundo viaje de Cristóbal Colón. *Revista de Estudios Colombinos*, Valladolid, 3: 29-60.
- Guerrero, M.M.L. 2020. *El segundo viaje colombino*. Valladolid: Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Filosofia y Letras, Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Valladolid.

- Gutierrez de la Vega, J. 1879. *Libros de cetrería de el Príncipe y el Canciller*. Madrid, Imprenta y Fundición de M. Telo.
- Hammer, J. 2020. *The falcon thief: a true tale of adventure, treachery, and the hunt for the perfect bird*. New York, Simon & Schuster Paperbacks.
- Harmont, P. 1620. *Le miroir de favconnerie*. Paris, Claude Percheron.
- Harmont, P. 1634. *Le miroir de favconnerie*. Paris, Pierre Billaine.
- Harmont, P. 1650. *Le miroir de favconnerie*. Roven, Clement Malassis.
- Harting, J.E. 1871. *The ornithology of Shakespeare*. London, John van Voorst.
- Harting, J.E. 1891. *Biblioteca Accipitraria: a catalogue of books, Ancient and Modern, relating to falconry, with notes*. London, Bernard Quaritch.
- Haupt, H.; Vignau-Wilberg, T.; Irblich, E. & Staudinger, M. 1990. *Le Bestiaire de Rodolphe II. Cod. min. 129 et 130 de la Bibliothèque Nationale d'Autriche*. Paris, Citadelles.
- Herrera y Tordesillas, A. de. 1601-1615. *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas i Tierra Firme del Mar oceano*. Madrid, Imprenta Real.
- Huber, J. 1784. *Observations sur le vol des oiseaux de proie*. Geneve, Paul Barde.
- Huerta, G. de. 1624. *Historia Natvral de Cayo Plinio Segvndo*. Madrid, Luis Sanchez.
- Jack, A. 1996. *Ferreira's Falconry: being a translation from the Portuguese of "Arte da caça de altanería" by Diogo Fernandes Ferreira, Lisbon 1616*. [s. l.], Anthony Jack.
- Jameson, C.M. 2013. *Looking for the goshawk*. London, Bloomsbury.
- Jiménez, C.G.C. 2011. *Alhajas para soberanos: los animales reales en el siglo XVIII: de las leoneras a las mascotas de cámara*. Valladolid, Junta de Castilla y León.
- Kaufmann, T.D. 2009. *Arcimboldo: visual jokes, Natural History, and still-life painting*. Chicago, University of Chicago Press.
- Keddy-Hector, D.P. 2000. Aplomado falcon. In: Poole, A. (Ed.). *The birds of North America no. 549*. 20p. Philadelphia, PA., The Birds of North America, Inc.
- Keddy-Hector, D.P. 2019. The history of Aplomado falcon subspecies diagnosis. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, Tring, 139(2): 111-126.
- Lach, D.F. 1970. *Asia in the making of Europe*. Chicago, University of Chicago Press. Volume II: The Century of Wonder, Book one: The Visual Arts.
- Ladero Quesada, M.A. 2008. *Las Indias de Castilla en sus primeros años: cuentas de la Casa de la Contratación (1503-1521)*. Madrid, Editorial Dykinson & Comité Español de Ciencias Historicas.
- Lavauden, L. 1925. Un problème d'archéologie ornithologique: l'Alèthe. *Revue Française d'Ornithologie*, Paris, 17 (196-197): 159-169.
- Leite, A.P. de S. 1967. Falcoaria e literatura ceteira em Portugal: seus antecedentes germano-castelhanos. *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, Lisboa, 12(40): 72-83.
- Lessa, C.R. de. 1944. *Vocabulário de caça*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Lie, R.O. 2018. Falconry, falcon-catching and the role of birds of prey in trade and as alliance gifts in Norway (800-1800 AD) with an emphasis on Norwegian and later foreign participants in falcon-catching. In: Gersemann, K.H & Grimm, O. (Ed.). *Raptor and human – falconry and bird symbolism throughout the millennia on a global scale*. Schleswig, Centre for Baltic and Scandinavian Archeology. p. 727-786.
- Lockwood, M.W. & Freeman, B. 2004. *The TOS handbook of Texas birds*. College Station, Texas A & M University Press.
- Lopez de Ayala, P. 1959. *Libro de la caza de las aves*. Barcelona, Castalia Ediciones.
- Lopez de Ayala, P. 1986. *Libro de caça de las aves*. London, Tamesis Books.
- Macdonald, H. 2006. *Falcon*. London, Reaktion Books.
- Manceau, J.E. 1864. *Méthode pour dresser et faire voler les oyseaux pour le vol de la perdrix*. Niort, Robin et L. Favre.
- Martínez, S.B.G. 1995. *Bibliografía sobre cetrería*. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá.
- Martinez de Espinar, A.M. de. 1644. *Arte de ballestería y montería escrita con methodo, para escusar la fatiga que ocasiona la ignorancia*. Madrid, Empronta Real.
- Maselis, M.C.; Arnout, B. & Marijnissen, R.H. 1999. *The albums of Anselmus de Boodt (1550-1632): natural history painting at the court of Rudolph II in Prague*. Ramsen, Antiquariat Bibermühle.
- Mathys, B.A. 2011. First record of Aplomado Falcon (*Falco femoralis*) for the West Indies. *The Wilson Journal of Ornithology*, Ann Arbor, 123(1): 179-180.
- Mehler, N.; Küchelmann, H.C. & Holterman, B. 2018. The export of gyrfalcons from Iceland during the 16th century: a boundless business in a proto-globalized world. In: Gersemann, K.H & Grimm, O. (Ed.). *Raptor and human – falconry and bird symbolism throughout the millennia on a global scale*. Schleswig, Centre for Baltic and Scandinavian Archeology. p. 995-1020.
- Meunier, L.L. 1924. *Philippe de Champagne*. Paris, Éditions Nilsson.
- Millán, J.M. & Arroyo, F.L. 2015. La pervivencia de la casa de Castilla: la caza. In: Millán, J.M. & Muñoz, J.E.H. (Org.). *La corte de Felipe IV (1621-1665): reconfiguración de la monarquía católica*. Madrid, Polifemo Ediciones. Volume 2, p. 1041-1134.
- Monardes, N. 1565. *Dos libros. El vno trata de todas las cosas q̄ traē de ñras Indias Occidētales, que siruen al vso de Medicina, y como se ha de vsar dela rayz del Mechoacā, purga excelētissima. El otro libro, trata de dos medicinas marauillosas q̄ son cōtra todo Veneno, la piedra Beazar, y la yerua Escuerçonera. Con la cura de los Venenados. Do veran muchos secretos de naturaleza y de medicina, cō grādes experiēcias*. Sevilla, Casa de Sebastian Trugillo.
- Morais, C. de. 1683. *Le veritable fauconnier*. Paris, Gabriel Quinet.
- Muñiz, D.C.M. 2002. Las aves cinegéticas en la Castilla medieval según las fuentes documentales y zooarqueológicas: un estudio comparativo. In: Rueda, J.M.F. (Org.). *La caza en la Edad Media*. Tordesillas, Instituto de Estudios de Iberoamérica y Portugal & Universidad de Valladolid.
- Nankinov, D. 1992. Check list of bird species and subspecies in Bulgaria. *Avocetta*, Palermo, 16(1): 1-17.
- Nelson, J. 1996. In search of the Yálethe. *Journal of the North American Falconer's Association*, Fort Worth, 35: 23-29.
- Nelson, J. 2007. The Alethe Reborn. *American Falconry Magazine*, Dayton, 46: 6-16.
- Neves, C.M.L.B. 1983. Subsídios para a história da falcoaria em Portugal. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, 101 (1-6): 21-46.
- Newcomer, C.A. 1952. Neblí, baharí, tagarote. *Nueva Revista de Filología Hispanica*, México DF, 6(2): 144-148.
- Niesters, H. 1999. Die Kunst, mit dem Falken zu jagen. In: Blüchel, K.G. (Org.). *Die Jagd*. Köln, Könemann Verlagsgesellschaft. p. 162-193.
- Noirmont, D. de. 1868. *Histoire de la chasse em France*. Paris, Imprimerie Bouchard-Huzard. Volume 3: Louveterie, fauconnerie, chasse a tir, chasses diverses.
- O'Broin, L. 1992. *The sparrowhawk – a manual for hawking*. Slane, Old Abbey Books.
- Olendorff, R.R. & Olendorff, S.E. 1968-1970. *An extensive bibliography on falconry: eagles, hawks, falcons and other diurnal birds of prey*. Fort Collins, Richard R. Olendorff.
- Oliveira Martins, J.P. 1891. *Os filhos de D. João I*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- Oswald, A. 1982. *The history and pratice of falconry*. Saint Helier, Neville Spearman.
- Oviedo y Valdés, G.F. de. 1526. *De la Natural Hystoria de las Indias*. Toledo, Remón de Petras.
- Oviedo y Valdés, G.F. de. 1851-1855. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme del Mar Océano*. Madrid, Imprenta de la Real Academia de la Historia.

- Padilla, C. & Anderson, B. (Ed.). 2015. A red like no other: how cochineal colored the world. New York, Skira Rizzoli.
- Pareja-Obregon de los Reyes, M.D. 1997. *Cetrería y aves de presa: un duende de nombre gavilán*. Madrid, Cáirel Ediciones.
- Pereira, L. 2020. Mongaguaba. In: *Atlas digital da América lusa*. Disponível em: <http://lhs.unb.br/atlas/Mongaguaba>. Acesso em: 30/12/2020.
- Pérez de Tudela, A. & Gschwend, A.J. 2001. Luxury goods for royal collectors. In: Trnek, H. & Haag, S. (Ed.). *Exotica: Portugals Entdeckungen im Spiegel fürstlicher Kunst- und Wunderkammern der Renaissance*. Mainz, Verlag Philipp von Zabern. p. 1-127.
- Pérez de Tudela, A. & Gschwend, A.J. 2007. Renaissance menageries. Exotic animals and pets at the Habsburg courts in Iberia and Central Europe. In: Enekel, K.A.E. & Smith, M.S. (Ed.). *Early modern Zoology: the construction of animals in science, literature and arts*. Leiden, Brill. p. 427-455.
- Pérez de Tudela, A.; Serrano, C.S.; Abadia, R.E. & Oto, E.L. (Ed.). 1994. *Colección documental del Descubrimiento (1470-1506)*. Madrid, Real Academia de la Historia & Fundación MAPFRE America.
- Pericolo, L. 2002. *Philippe de Champagne*. Tournai, La Renaissance du Livre.
- Pieragnoli, J. 2016. *La cour de France et ses animaux XVI^e-XVIII^e siècles*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Pieters, F.F.J.M. 1988. *Wonderen der Natuur in de Menagerie van Blauw Jan te Amsterdam, zoals gezien door Jan Velten rond 1700*. Amsterdam, ETI Digital Rare & Historical Books.
- Potapov, E. & Sale, R. 2005. *The gyrfalcon*. London, T & AD Poyser.
- Queiroz, A.I. & Soares, F.F. 2016. Birds in Portuguese literature. *Environment and History*, Winwick, 22(2): 229-254.
- Raffaele, H.A.; Wiley, J.; Garrido, O.H.; Keith, A. & Raffaele, J.I. 2020. *Birds of the West Indies*. Princeton, Princeton University Press.
- Ramos Coelho, J. (Ed.). 1892. *Alguns documentos do Archivo nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas publicados por ordem do governo de Sua Majestade Fidelissima ao celebrar-se a Comemoração Quadricentenaria do descobrimento da America*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- Reis-Junior, J.A. dos. 1930. *Catálogo sistemático e analítico das aves de Portugal*. Porto, Araujo & Sobrinho.
- Riols, C. & Riols, C. 1979. Observations du faucon gerfaut *Falco rusticolus* L. en France. *Alauda*, Paris, 47(1): 36-37.
- Rodriguez de la Fuente, F. 1986. *El arte de cetrería*. México DF, Librería Noriega.
- Roldán, F.N. 1989. Tres familias florentinas en Sevilla: Federighi, Fantoni y Bucarelli (1570-1625). In: Hernández Palomo, J. (Org.). *Presencia italiana en Andalucía, siglos XIV-XVII*. Sevilla, Escuela de Estudios Hispanoamericanos. p. 23-50.
- Romero-Camacho, I.M. 1985. Precios y salarios de la construcción en la Sevilla del siglo XV. *Cahiers de la Méditerranée*, Nice, 31(1): 95-124.
- Rubio, V. (Org.) 2013. *Cedulario de la isla de Santo Domingo*. Santo Domingo, Archivo General de la Nación, Gobierno de Nicolás de Ovando. Volume 2, p. 1501-1509.
- Rueda, J.M.F. 1985. *Ensayo de una bibliografía de los libros españoles de cetrería y montería*. Madrid, Cáirel Ediciones.
- Rueda, J.M.F. 1988. *Literatura cetrera de la Edad Media y el Renacimiento español*. London, Queen Mary and Westfield College.
- Rueda, J.M.F. 1990. *Bibliotheca cinegetica hispanica*. London, D.S. Brewer.
- Rueda, J.M.F. 2003. *Bibliotheca cinegetica hispanica – Suplemento 1*. Woodbridge, Tamesis Book.
- Rueda, J.M.F. 2006. La cetrería en América ¿prehispanica o colombina? In: Varela Marcos, J. (Org.). *Cristóbal Colón, su tiempo y sus reflexos*. Valladolid, Universidad de Valladolid. p. 241-251.
- Rueda, J.M.F. 2007. Aproximación a la literatura cetrera portuguesa. *e-Humanista*, Santa Barbara, 8: 197-226.
- Rueda, J.M.F. 2018a. Falconry on the Iberian Peninsula – its history and literature. In: Gersemann, K.H & Grimm, O. (Ed.). *Raptor and human – falconry and bird symbolism throughout the millennia on a global scale*. Schleswig, Centre for Baltic and Scandinavian Archeology. p. 1195-1214.
- Rueda, J.M.F. 2018b. Falconry in America – a pre-Hispanic sport? In: Gersemann, K.H & Grimm, O. (Ed.). *Raptor and human – falconry and bird symbolism throughout the millennia on a global scale*. Schleswig, Centre for Baltic and Scandinavian Archeology. p. 1947-1957.
- Rutledge, W. 1955. The identity of l'Alethe. *The Falconer*, Stevenage, 111(2): 51-54.
- Salinas de Alonso, M.L.M. de. 2011. "Todos los más halcones que de allá se pudieren enviar". La cetrería y el descubrimiento de América. *Naveg@merica*, 7. Disponível em: <https://revistas.um.es/navegamerica/articulo/view/138841>. Acesso em: 10/09/2019.
- Salinas de Alonso, M.L.M. de. 2013. La cetrería en Indias. Referencias documentales. In: Caballero, G.D.C.; Céspedes, R.P. & Mata, M.T. (Org.). *América, poder conflicto y política*. Murcia, Universidad de Murcia. p. 1-9.
- Salzedo Coronel, G. de. 1638. *Soledades de D. Lvis de Gongora*. Madrid, Imprenta Real.
- Sanchez, G. 1924. *Libro de los Fueros de Castilla*. Barcelona, Facultad de Derecho de la Universidad de Barcelona.
- Santos, V.S. (Org.) 2017. *O marfim no mundo moderno: comércio, circulação, fé e status social (séculos XV-XIX)*. Curitiba, Editora Prismas.
- Santos, V.S.; Paiva, E.F. & Gomes, R.L. (Org.) 2018. *O comércio de marfim no mundo atlântico: circulação e produção (séculos XV a XIX)*. Belo Horizonte, Clio Gestão Cultural e Editora.
- Schlegel, H. & Wulverhorst, A.H.V. von. 1853. *Traité de Fauconnerie*. Leiden, A. Arnz.
- Shergalin, J. 2011. Gyrfalcon trappers in the Russian Arctic in the 13th-18th centuries. In: Watson, R.T.; Cade, T.J.; Fuller, M.; Hunt, G. & Potapov, E. (Ed.). *Gyrfalcons and ptarmigan in a changing world*. Boise, The Peregrine Fund. Volume 2. p. 273-278.
- Silva, I.F. da. 1859. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional. Tomo 2: De Caetano de Sancto Antonio a Francisco Martins.
- Souhart, R. 1886. *Bibliographie generale des ouvrages sur la chasse la venerie & fauconnerie*. Paris, P. Rouquette Editeur.
- Sprang, S. van. 2014. *Denijs van Alslout (vers 1568-1625/26): peintre paysagiste au service de la cour des archiducs Albert et Isabelle*. Turnhout, Brepols Publishers.
- Staudinger, M. 1993. Die Erwerbung amerikanischer Tiere für den Kaiserhof im 16. Jahrhundert. In: Krömer, W. (Ed.). *1492-1992 Spanien, Österreich und Iberoamerika*. Innsbruck, Instituts für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck. p. 209-215.
- Stols, E. 1998. De triomf van de exotica of de bredere wereld in de Nederlanden van de aartshertogen. In: Thomas, W. & Duerloo, L. (Ed.). *Albert and Isabella, 1598-1621. Essays*. Bruxelles, Brepols Publishers. p. 291-301.
- Tait, W.C. 1924. *The birds of Portugal*. Plymouth, H.F. & G. Witherby.
- Tardif, G. 1492. *Cest le liure de lart de faulconnerie et des chiens de chasse*. Paris, Antoine Vêrad.
- Tardif, G. 1882. *Le livre de l'art de faulconnerie et des chiens de chasse*. Paris, Librairie des Bibliophiles.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 2010. O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII. In: Pessôa, L.M.; Tavares, W.C. & Siciliano, S. (Org.). *Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional-UFRJ. p. 253-282.
- Teixeira, D.M. & Papavero, N. 2014. Os animais do Brasil nas obras de Pierre Belon (1517-1564). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 45 (2/3): 45-94.
- Terrón Albarrán, M. (Ed.). 1979. *Libro de cetrería*. Badajoz, Institución Pedro de Valencia.
- Torquemada, G.G. de. 1991. *Gaçeta y Nuevas de la Corte de España desde el año 1600 en delante*. Madrid, Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía.

- Tuberville, G. 1575. *The Booke of Faulconrie or Hauking for the onely delight and pleasure of all Noblemen & Gentlemen*. London, Christopher Barker.
- Valencia, P. de. 1993. *Pedro de Valencia – Obras Completas*. León, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de León. Volume 5: Relaciones de las Indias, Nueva Granada y Virreinato de Perú.
- Vallés, J. 1994. *Libro de acetrería y montería*. Madrid, Círculo de Bibliofilia Venatoria.
- Varela, C. (Ed.). 1982. *Cristóbal Colón. Textos y documentos completos. Relaciones de viajes, cartas y memoriales*. Madrid, Alianza Editorial.
- Varnhagen, F.A. de. 1860. *A caça no Brazil, ou manual do caçador em toda a America tropical*. Rio de Janeiro, E[dward] & H[einrich] Laemmert.
- Vassor, M. 1757. *Histoire de Louis XIII, Roi de France et Navarre*. Amsterdam, Aux dépens des Associés.
- Vázques de Espinosa, A. 1948. *Compendio y descripción de las Indias Occidentales*. Washington DC, Smithsonian Institution.
- Vega, G. de la. 1609. *Commentarios Reales, qve tratam del origen de los Yncas, reyes qve fveron del Perv, de sv idolatria, leyes, y gouierno en paz y em guerra: de sus vidas y conquistas, y de todo lo que fue aquel Imperio y su Republica, antes que los Españoles passaran a el*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- Velloso, N. de S. 1977. *Memória com vista à criação de um centro de cetraria e de estudos e reabilitação de aves de presa de Portugal*. Lisboa, Secretaria do Estado da Agricultura.
- Walker, A. 2000. *The encyclopedia of falconry*. New York, Derrydale Press.
- Wauters, A.J. 1899. *Denis van Alsloot, peintre des archiducs Albert et Isabelle*. Brussels, P[ierre] Weissenbruch.
- Wheeler, B. & Clark, W. 1995. *A photographic guide to North American raptors*. San Diego, Academic Press.
- White, C.M.; Clum, N.J.; Cade, T.J. & Hunt, W.G. 2020. Peregrine Falcon (*Falco peregrinus*). In: Billerman S.M. (Ed.). *Birds of the World*. Ithaca, Cornell Laboratory of Ornithology. Disponível em: <https://doi.org/10.2173/bow.perfal.01>. Acesso em: 18/03/2021.
- Winters, R. 2017. *Exotische dieren in historisch Amsterdam*. Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Wood, C.A. & Fyfe, F.M. 1943. *The Art of Falconry being De Arte Venandi cum Avibus of Frederick II of Hohenstaufen*. Boston, Charles T. Branford.
- Wright, C. 1985. *The French painters of the seventeenth century*. London, Orbis.
- Xivrey, B. de. 1858. *Recueil des lettres missives de Henri IV*. Paris, Imprimerie Impériale. Tome 7, p. 1606-1610.

ANEXO 1

Transcrição do capítulo sobre o alete existente na “Arte da Caça da Altanería” de Diogo Fernandez Ferreira (1616)

[Folios 45 recto a 46 recto]

“CAPITVLO SETIMO

Dos Aletos.

Os aletos crião em Indias de Castella, & no Brazil, & // vem nas frotas a Seuilha. São pequenos, na plumagem, diferem de todos os demais, parte do peito, coixas, & oueiro tem vestido de penas ruiuas, & o papo sem nenhũa pinta, o ruiuo tem cor de Melhano, a cabeça cercada quasi toda de hũa lista de penas da mesma cor, debaixo das azas em algũa parte das titellas, tem penas pardas com pintas atrauessadas, como que imitão as dos outros Falcões tem as azas compridas, o cabo para o corpo bem formado, & as mãos delgadas, os dedos compridos, he gracioso à vista; não os vy caçar, tem geito de grandissimos voadores, & que matarão tudo. Com elles cação as perdizes, & são tão perfiados em as matar que nas balças entrão com ellas. O Lecenceado Phelippe Butaca Henriques, natural da cidade de Euora, me affirmou que vira no porto do caluo & rio das pedras, na capitania de Pernambuco, onde elle veyo dar à costa com hũa embarcação vindo de Angola o anno de 605. Esteue aly trinta dias, & neste tempo por toda aquella costa vio estes passaros, que erão mayores que Gaiiães primas, & menores que Falcões, e notou delles serem grandissimos voadores, tanto que a vista os não podia alcançar para notar delles tudo: muitas vezes os vio tomar papagayos, & outras aues, & no caçar serem muy porfiados, e perseguilas mostrando muito animo, & se metião com os passaros per dentro das aruores, & não descançauão até os não lenarem nas vnhas, & que desejou de os trazer a este Reyno, por entender que os Principes & senhores os terião em estima, quem os quizer trazer dellá podeos criar em pequenos como os Gaiiães, & polo mar os tragão depois de criados como diz no capitulo, que trata de poderem vir os Assores de Alemanha, porque quem os souber trazer, enterecerà nisso muito dinheiro. Os aletos além de // matarem perdizes, matão Alcarauães, pegas, & são estimados de todos os caçadores geralmente.”

ANEXO 2

Transcrição do capítulo sobre o alete existente na “Fauconnerie” de Charles d’Arcussia, edição de 1605

[Folios 47 verso a 48 verso]

“Des Alethes, oyseaux de noueueu cogneuz. Chap. XXVIII.

[...] Ces quatre especes cogneuës, on en trouua vne cinquiesme, qui furent les Tagarots, dont i’ay par cy deuant parlé. Depuis quelques annees on en a recogneu encores vne autre espece, qui sont les Alethes, lesquels on tient maintenant en grande reputation, tant pour leur rareté, que pour leur gaillardise. Le premier que ie veis fut à Ferrare, qui estoit à son Altesse, & au mesme temps passant par Turin, i’en veis vn autre qui estoit au Duc de Sauoye, dernier mort. La Royne du iourd’huy passant par Marseille, en faisot porter vn au Roy, que plusieurs peuuët auoir veu, qui voloit fort bien la perdrix. Les Oyseaux dont i’ay discouru par cy deuant sont cogneuz; // mais de ceste espece ce n’est que depuis peu de temps qu’ils ont esté apportez para deçà des isles du Perou. Pour leur taille elle est presque comme celle d’vn Tiercelet du Faucon. Ce sont oyseaux de courage, pour ce qu’ils volent, qui est proprement la perdrix. On les iette du poing; leur inclination est de voler bas & roide, faisant leur effect de vistesse. Ils prennêt la branche, & ne soustiennent de leur naturel. Ils ne volent pas en compagnie, & ne s’en voit point de Nyais. Or il ne faut qu’on s’esmerueille d’ouïr parler d’vn oyseau nouueau. Car il faut croire que comme il y a encores beaucoup de país incogneuz aux Chrestiens, esquels on n’a aucun cõmerce, qu’il y a aussi des oyseaux dõt nous n’auons iamais eu cognoissance. le vous diray dauâtage que ces oyseau dõt ie vous parle viênêt des Isles Occidêtales nouuellemêt trouuees, & sont appor- // tez en Espagne, là où ils sont vendus 300. escus la piece à l’arriuee des vaisseaux, tât ils sont prisez des Espagnols. On le nomme Alethes, mot Grec, qui est autant à dire que veritable: aussi sont-ce les plus asseurez oyseaux qui volent la perdrix, arrestans au buisson cõme vn Autour, & si bien qu’on n’en perd iamais par leur faute. Quant à ce que Olaus Magnus discourt d’vn oyseau qu’il nomme de mesme nom, il me semble que ce ne peut estre le mesme oyseau, veu qu’il escript des país du Septentrion, là où cest oyseau ne se trouue point; non que ie vueille mescroire qu’il ne peust en auoir veu ailleurs: ie vous diray seulement que si ie ne fais icy mention des Alphanez, que nous appellons Tunissiens, c’est pource qu’ils sont du rang des Laniers, bien qu’ils different de pennage.”

ANEXO 3

Transcrição do capítulo sobre o aleto existente na “Fauconnerie” de Charles d’Arcussia, edição de 1615

[Páginas 56 e 57]

“Des Alethes, oyseaux de nouveau cogneuz. Chap. XXVII.

[...] Ces quatre especes conneuës, on en trouua vne cinquiesme, qui furent les Tagarots, dont i’ay par cy deuant parlé. Depuis quelques annees on en a reconneu encore vne autre espece, qui sont les Alethes, lesquels on tient maintenant en grande reputation, tant pour leur rareté, que pour leur gaillardise. Le premier que ie veis fut à Ferrare, il y a trente huict ans; qui estoit à son Altesse: & au mesme temps passant par Turin, i’en veis deux autres qui estoient au Duc de Sauoye, dernier decedé. La Royne du iourd’huy passant par Marseille, en // faisot porter vn, que plusieurs peuueent auoir veu, qui voloit fort bien la perdrix. Les oyseaux dôt i’ay discouru par cy deuant sont conneus dés long temps; mais de ceste espece ce n’est que depuis quarante ans qu’ils ont esté apportez para deça. Pour leur taille, elle est presque comme celle d’vn Tiercelet du Faucon, & le pennage par les dessus tout de mesme. Leur deuant est de couleur orangé palle, tirant au Perroquet, avec vn Croissant fait en forme d’vn fer de cheual au bas vers les cuisses, qui est de couleur brune. Ce sont oyseaux de courage pour le gibier qu’ils volent, qui est proprement la perdrix. On les iette du poin: leur inclination est de voler bas & roide, faisant leur effect de vistesse. Ils prennent la branche, & ne soustiennent de leur naturel. Ils ne volent pas en compagnie, & ne s’en voit point de Niais. Or il ne faut qu’on s’esmerueille d’ouyr parler d’vn oyseau nouveau. Car il faut croire que comme il y a encores beaucoup de pays inconneus aux Chrestiens, il y a aussi des oyseaux dont nous n’auons iamais eu connoissance. le vous diray dauantage, que ces oyseaux dont ie vous parle, viennent des Isles Occidentales nouvellement trouuees, & sont apportez en Espagne, où ils sont vendus aucunesfois trois cents escus la piece à l’arriuee des vaisseaux, tant ils sont prisez des Espagnols. On le nomme Alethes, mot Grec, qui est autant à dire que veritables, ou courageux: aussi sont-ils les plus asseurez oyseaux qui volent la perdrix, arrestans au buisson comme vn Autour; si bien qu’on n’en perd iamais par leur faute. Quant à ce que Olaus Magnus discourt d’vn oyseau qu’il nomme de mesme nô, il me semble que ce ne peut estre le mesme oyseau, veu qu’il escrit des pays du Septentrion, là où cest oyseau ne se trouue point; non que ie vueille croire qu’il n’en puisse auoir veu ailleurs.”

ANEXO 4

Transcrição do capítulo sobre o aleto existente na “Fauconnerie” de Charles d’Arcussia, edição de 1627

[Páginas 56 e 57]

“Des Alethes, oyseaux de nouveau cogneuz. Chap. XXVII.

[...] Ces quatre especes conneuës, on en trouua vne cinquiesme, qui furent les Tagarots, dont i’ay par cy-deuant parlé. Depuis quelques annees on en a reconneu encore vne autre espece, qui sont les Alethes, lesquels on tient maintenant en grande reputation, tant pour leur rareté, que pour leur gaillardise. Le premier que ie veis fut à Ferrare, il y a trente huict ans; qui estoit à son Altesse: & au mesme temps passant par Turin, i’en veis deux autres qui estoient au Duc de Sauoye, dernier decedé. La Royne du iourd’huy passant par Marseille, en // faisot porter vn, que plusieurs peuueent auoir veu, qui voloit fort bien la perdrix. Les oyseaux dôt i’ay discouru par cy deuant sont conneus dés long temps; mais de cette espece ce n’est que depuis quarante ans qu’ils ont esté apportez para deça. Pour leur taille, elle est presque comme celle d’vn Tiercelet du Faucon, & le pennage par les dessus tout de mesme. Leur deuant est de couleur orangé palle, tirant au Perroquet, avec vn Croissant fait en forme d’vn fer de cheual au bas vers les cuisses, qui est de couleur brune. Ce sont oyseaux de courage pour le gibier qu’ils volent, qui est proprement la perdrix. On les iette du poin: leur inclination est de voler bas & roide, faisant leur effect de vistesse. Ils prennent la branche, & ne soustiennent de leur naturel. Ils ne volêt pas en compagnie, & ne s’en voit point de Niais. Or il ne faut qu’on s’esmerueille d’ouyr parler d’vn oyseau nouveau. Car il faut croire que comme il y a encores beaucoup de pays inconneus aux Chrestiens, il y a aussi des oyseaux dont nous n’auons iamais eu connoissance. le vous diray dauantage, que ces oyseaux dont ie vous parle, viennent des Isles Occidentales nouvellement trouuees, & sont apportez en Espagne, où ils sont vendus aucunesfois trois cents escus la piece à l’arriuee des vaisseaux, tant ils sont prisez des Espagnols. On le nomme Alethes, mot Grec, qui est autant à dire que veritables, ou courageux: aussi sont-ils les plus asseurez oyseaux qui volent la perdrix, arrestans au buisson comme vn Autour; si bien qu’on n’en perd iamais par leur faute. Quant à ce que Olaus Magnus discourt d’vn oyseau qu’il nomme de mesme nô, il me semble que ce ne peut estre le mesme oyseau, veu qu’il escrit des pays du Septentrion, là où cest oyseau ne se trouue point; non que ie vueille croire qu’il n’en puisse auoir veu ailleurs.”

ANEXO 5

Transcrição do capítulo sobre o aleto existente no “Miroir de Fauconnerie” de Pierre Harmont, edição de 1620

[Páginas 7 a 11]

“Des Aleps

Vous remarquerez icy la taille, pannage & excellēce d’vne espece d’oyseaux nōmez Aleps. Lors du mariage du feu Roy Henry IIIII. que Dieu absolue, la Royne en fit apporter vn que sa Majesté me bailla en garde, le quel i’ay mué huit muēs, & l’ay tant gardé que sa Majesté le donna pour ce qu’il estoit trop vieux. Leur taille est comme d’vn Esperuier, ils ont le vol comme vn Oyseau de poing¹¹¹, ils sont tout d’vne piece sur le derriere, couleur d’ardoize: Sur le deuant ils sont de couleur de zinzolin; la main comme vn Esperuier; la teste tient de leur espece n’y en ayant point de semblable. Ils sont fort beaux, agreables, & bien aisez à gouuerner: Ils mangent autant qu’vn Faucon, ils sont durs cōme vn vieux Lānier; ils endurent de grandes maladies, ils veulent estre nourris de bonne viande, ils sont fort chauds dans le corps; & se faut bien garder de continuer à leur donner le sang trop chaud, car vous les verriez esmutyr comme du sang, & incontinent vn grand dégoustement, qui leur apporteroit vne maladie qu’il faudroit penser par rafraichissement, comme ie deduiray au remede des maladies cy apres. Il ne les faut pas laisser sans eau fraiche & des pierres qui leur seruent de rafraichissement, & apres les rechaufent, & principalement à la muë: Ils ne s’en estoit iamais veu en France: ils coustent trois ou quatre cens escus sans estre dressez: ce sont les plus excellens en leur qualité, & sont plus nobles en leurs actions que toute autre espece d’Oyseaux de Fauconnerie. Ils sont roides quand ils vollent: tellement que vous ne les voyez point remuer les mahuttes, & volent par eslans.

S’ils auoient la force comme ils ont le courage, vne Perdrix ne feroit que demy vol deuant eux. Il n’y a ny bois ny buisson qui l’a puisse sauuer deuant eux, & faut qu’elle meure si elle ne se met en terre. Ils font leur remise si iuste, que le plus souuent vous les resseruez vous mesme sans chiens: Si la Perdrix veut courre ou faire quelque ruse ou faux vol, vous les voyez branler & faire le mesme chemin que faict la Perdrix. Ils sont si subtilz qu’ils prennent dans les forts & par tout. Ils se mettent à la muë à la saison que l’on y met les autres, & faut les mettre en liberté dās vne chambre. Ils sont fort aisez à dresser, & sont de leurre & de poing, ainsi que vous les voulez: Ils sont de fort bonne reprise: i’ay bien esté trois and auant que de cognoistre leur naturel, & sont admirables tant aux champs qu’au logis.

Monsieur de Barrault estant en Ambassade en Espagne en enuoya vn qui fut encor plus excellent que celuy dont i’ay parlé cy dessus. le l’ay gardé neuf muēs, puis il est mort par accident”.

ANEXO 6

Excertos sobre o gerifalte capturado “Na Altura do Brasil” existentes na “Arte da Caça da Altanería” de Diogo Fernandez Ferreira (1616)

[Folio 26 recto]

“CAPITVLO XII

Dos Assores do Brasil.

[...] Ao Infante dō Luis Duque de Beja, filho del Rey dom Manoel, trouxerão daquellas partes do Brasil hum Girifalte branco, & tão aluo como hũa pomba, o Principe o teue sem fazer nada com elle por estado, querendo mandar là caçadores, por a viagem não ser então tão tratauel como oje o dissimulou. [...]

[Folios 42 verso e 43 recto]

“CAPITVLO TERCEIRO.

Dos Gerifaltes.

[...] O Infante dom Luis filho del Rey dō Manoel, teue hum gerifalte tão aluo como hũa pomba, & tēdo por marauilha o não quiz auenturar á caça, o qual foy tomado em hũa nao na altura do Brazil, atrauessando o mar; donde o principe & outros caçadores imaginaraõ que na- // quellas partes deuia auer semelhantes Falcões. [...]

111 As “oiseaux de poing” (“aves de punho”) voltam para o falcão após serem lançadas contra a presa, enquanto as “oiseaux de leure” (“aves de rol”) necessitam ser atraídas por um chamariz para retornar.

[*Folio 101 verso*]

“CAPITVLO PRIMEIRO

Da perigrinação das aues do Norte

[...] os gerifaltes parece ser o cōtrario da experiêcia, os quaes se deuem tambem de sair, por algũas vezes se tomarem em naos, como este anno de 614 se tomou hum em hũa nao framenga, o qual o mestre apresentou ao Duque d’ Aueiro, & elle o mandou a sua Magestade, & na costa do Brasil se tomou outro, o qual se deu ao Infante dom Luis, filho del Rey dom Manoel, & era taõ aluo como hũa pomba. [...]

ANEXO 7

Transcrição parcial do capítulo sobre os “Açores do Brasil” existente na “Arte da Caça da Altanerìa” de Diogo Fernandez Ferreira (1616)

[*Folios 25 verso e 26 recto*]

“Capítulo XII.

Dos Assores do Brasil.

O anno de [mil] seiscentos & oyto, mandarão do Brazil ao Marquez de Castel Rodrigo dous passaros notaueis, hum delles mandou a El Rey dom Phelippe terceiro, do outro deu cuidado a hum caçador em cuja casa o vi tão desprezado que me corri, pella qual razão o vi mais depressa do que agora o contemplo que quero escreuer delle. Na alcãdora em ã estaua posto notei que tinha boa postura, na grandeza do corpo fazia ventagem // aos Assores da nossa Europa, ainda que pouca, tinha o rosto comprido, a cabeça para o corpo antes pequena que grãde. No alto della em direito dos olhos tinha hũas penas mais compridas que outras postas como as dos nossos bufos a modo de cornos as quaes abaixaua às vezes, não erã mui compridas, o pescoço bem tirado, as penas de que tinha o peito cuberto erã brancas sem nellas auer pinta algũa, era mais pernalto algũa cousa que os nossos Assores, tinha as mãos mais pequenas o cabo mais curto, não fizerão nada com elle, por falta de caçador. Deue de auer naquellas partes do Brasil aues notaueis para caça & por falta de quem as conheça se não sabe dellas. [...]